

OCUPAÇÃO CULTURAL MATEUS SANTOS

ENTREVISTADAS/OS:	Gil Douglas Yasmin Riso Gustavo Soares Glauco Alexandre
Localização da atividade:	Ermelino Matarazzo
Área de Atuação:	Espaço cultural independente / Produção Cultural
Data da entrevista:	28/08/2020
Entrevistadores:	Renata Eleutério – CPDOC Guaianás

BREVE DESCRIÇÃO

Junção de coletivos culturais locais, organizados a partir do Movimento Cultural Ermelino Matarazzo, que ocuparam e fazem a gestão popular da Casa de Cultura Ermelino Matarazzo, re-nomeada de "Ocupação Cultural Mateus Santos", em homenagem ao grande professor, formador e artista plástico que viveu em Ermelino e retratou o bairro ao longo de toda sua obra, assim como influenciou muitos dos artistas que hoje resistem no bairro.

ENTREVISTADO:

GUSTAVO SOARES

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Gustavo – Eu sou o Gustavo Soares, tenho 28 anos, sou integrante do Movimento Cultural Ermelino Matarazzo, sou nascido e maior parte de minha vida passei em São Miguel Paulista. Morei aqui durante um tempo em Ermelino Matarazzo, agora estou nesse processo de mudança de território. Mas ainda minha atuação é muito presente aqui em Ermelino. Também fiz parte e faço parte até hoje do Coletivo Periferia Invisível, coletivo ali da Vila Cisper. Que foi a partir dele (coletivo) que eu me conectei ao Movimento Cultural Ermelino.

Renata CPDOC – Como é que é: você chega nesse movimento em Ermelino, como é que o movimento nasce?

Gustavo MCEM – É... o movimento ele nasci ali em meados de 2009, 2010. Mas ainda com outro nome, com outra formatação que era a Rede Cultura ZL. Ela era um encontro de vários coletivos que atuavam no bairro, naquela época. Periferia Invisível, do qual eu faço parte; Coletivo Mosquiteiros; enfim, vários outros coletivos, Muros que Gritam, Tenda Literária,

vários coletivos que formaram essa Rede Cultura ZL. No início ela nasceu com o objetivo de discutir um pouco a agenda dos coletivos no bairro. Porque o que acontecia muito era da gente estar em vários lugares diferentes, então a gente com a atuação lá na Vila Cisper, vizinhos de alguns outros coletivos, então às vezes nos mesmos dias aconteciam todas as atividades. Que a realidade dos coletivos era quase sempre que todo mundo trampava durante a semana, aí todo mundo queria fazer ações no final de semana. Então, encavalava muitas ações e dividia até o público, né. Às vezes você tinha que escolher qual atividade você iria participar. Então, por conta disso, por conta desses choques de agendas, os coletivos começam a se conversar, né. “Pô, vocês estão fazendo o sarau no mesmo dia em que a gente vai fazer um evento de grafite, porque a gente não faz uma agenda cultural do bairro, comum, e um coletivo consegue fortalecer o outro”.

Então, o Cultura ZL nasceu um pouco meio dessa forma aí orgânica a partir de alguns encontros, e o Cultura ZL nem existia. Mas acho que foi a primeira semente que deu origem a essa rede, né. Aí a partir desses encontros que se tornaram mais regulares, a gente foi percebendo várias demandas, várias problemáticas dos coletivos que eram comuns a todos, né. Então, a principal delas e que virou a principal bandeira do Cultura ZL enquanto uma rede de coletivos era a ausência de espaços culturais em Ermelino Matarazzo. Então, a gente está num bairro com 200 mil habitantes, né, e sem nenhum equipamento cultural, a não ser a biblioteca naquela época. Então, a gente tinha só a biblioteca, não tinha Casa de Cultura, não tinha Fábrica de Cultura, e não tinha inclusive CEU's. Os CEU's que tinham próximos eles eram em outros distritos. Então tinha o CEU na Vila Cisper, só que ele já era Subprefeitura da Penha, e a gente tem o São Carlos que já é Subprefeitura de São Miguel. Então, o bairro de Ermelino Matarazzo nem CEU até hoje não tem. Então, dentro dessa ausência... e mesmo quando tem, também tinha essa questão, essa problemática de como se dá esse uso, né. Muitas vezes os coletivos não eram bem-vindos dentro desses equipamentos. Tinham vários choques, várias dificuldades de compreensão por parte dos gestores desses equipamentos. Então, é nesse contexto, nesse caldo, que surge um pouco o Cultura ZL e que a gente começa a entender então a importância da gente começar a uma luta, né, pra se ter um espaço cultural em Ermelino. E no meio desse processo, a gente também começa um trabalho de mapeamento, um trabalho de pesquisa, e a gente percebe que na verdade a gente não éramos os inventores dessa problemática, né. Então, a gente mapeia aqui desde a década de 1980, em Ermelino Matarazzo já se levanta essa pauta, né, sobre a falta de espaços culturais no bairro.

A partir disso a gente começa, então, a pressionar o poder público local, né, na Subprefeitura, no sentido de implementar uma casa de cultura. Na época isso era muito vinculado às Subprefeituras. Não era uma demanda para a Secretaria de Cultura. Mas a gente passa a fazer reuniões também com a Secretaria de Cultura, passa a fazer reuniões com o Secretário do Estado, sempre buscando um pouco esses diálogos pra levar essa pauta. Começa também, principalmente, a fazer ações no bairro, né, pra fazer a comunidade entender toda a importância desses coletivos, né. Então, a gente não tinha nenhum espaço cultura, mas você tinha dezenas de coletivos atuando no território. Então, que contradição era essa, como que a gente conseguia também fazer o próprio bairro abraçar essa pauta, né, os moradores.

Durante um tempo Cultura ZL, já mais encorpado, entendido enquanto rede acessa o Programa VAI, lá em 2012, se não me engano, 2013, né. Aí dentro desse projeto cria-se a ideia de um informativo com a programação cultural do bairro, né. Que na época era desenvolvido tanto nas sedes dos coletivos que tinham, eram poucos que tinham algum espaço físico, que conseguiam desenvolver ações, ou nas ruas e nas praças, né. Sempre foram os lugares que abrigaram a maior parte das atividades. E aí então a gente, essa Rede Cultura ZL, começa a fazer a distribuição desses informativos de porta em porta, né, no bairro trazendo a comunidade, e em 2014, já que a gente já tinha feito todo um estudo, o mapeamento no território, de quais espaços poderiam abrigar um equipamento cultural, tanto públicos, como privados. Então, nós mesmos enquanto rede fizemos esse mapeamento, e um desses espaços, que a gente mapeou naquela época, era exatamente esse prédio que a gente está agora, que hoje é a Ocupação Cultural Mateus Santos, mas que na época era um prédio público, pertencente a Subprefeitura e ocioso e vazio. Não existia nada aqui dentro, um prédio gigante, no centro do bairro, né. Que há muitos anos atrás, mais de 20 anos atrás, foi a sede da Subprefeitura de Ermelino.

Aí então depois essa sede foi transferida para a Avenida São Miguel e esse prédio tentou-se usar para alguma coisa da saúde, aí não deu certo, mas, enfim, ele ficou muitos anos ocioso. Aí a gente mapeia como um dos principais espaços que seria possível abrigar esse equipamento, né. Aí então a gente começa esses diálogos com a Subprefeitura, com a Secretaria de Cultura, e em 2014 a gente tem uma primeira residência aqui dentro desse prédio, né. Então, num diálogo mais próximo com a Subprefeitura, a gente consegue trazer a Secretaria de Cultura pra cá, pautar, fazer reuniões, mostrar o prédio, né. Naquele momento a Prefeitura até se compromete

em transformar esse espaço de fato numa casa de cultura, né. Eles colocam no plano de metas, enfim. Mas, assim, a gente percebe que as coisas não andam. É... parece que existia um choque dentro da própria gestão da Subprefeitura com a Prefeitura central, né. Então, ficava meio que uma dança das cadeiras, uma transferência de responsabilidade, “isso é com a Secretaria, isso é com a Subprefeitura”. Mas a gente consegue adentrar ao prédio, com um pouco de diálogo ali com a Subprefeitura, realizamos algumas ações aqui – exposições de filme, né – espaço que é bem diferente ainda. Essa porta aqui nem existia. Enfim, só que tem pouca duração. Porque a gente percebe logo na sequência que a Subprefeitura estava mais interessada naquele momento de conseguir capitalizar politicamente o espaço, né, aí eles não conseguia porque o movimento sempre teve uma atuação sempre pautada pelo apartidarismo, né. Então, a gente não permitia que figuras políticas, lideranças do bairro que eram ligadas a partidos políticos, sejam eles quais forem, fizessem palanque no meio dos eventos, né. Então, isso foi incomodando a Subprefeitura e logo a gente foi convidado a se retirar do espaço, né. Então, essa residência dura bem pouco.

Renata CPDOC – Ô Gustavo, só antes de você entrar nessa coisa de Subprefeitura com o espaço, ainda lá quando vocês estavam se formalizando enquanto movimento, você falou que vários né, Tenda Literária, não sei se você chegou a comentar, mas me recordo do Balaio

Gustavo MCEM – Sim, o grupo Balaio!

Renata CPDOC – Alguns grupos estavam juntos. Que ações que foram importante e aonde vocês faziam essas ações? Outra coisa: por exemplo, assim, um pouco porque eu acompanhei esses processos, não aqui, mas estava acompanhando, eu me recordo que vocês tinham mapeado alguns espaços, inclusive alguns eram galpões da Panco, não sei se você tem essa... você poderia falar desses outros espaços que vocês mapearam e porque não outros espaços e é este?

Gustavo MCEM – Então, dentro desse mapeamento, né, que a gente fez ainda enquanto Rede Cultura ZL, a gente encontrou vários espaços, mas a maior parte desses espaços eram espaços privados, e na época existia já outro mapeamento enquanto cidade, que sabia que várias casas de cultura pagavam aluguel mensal, né, pra proprietários privados. E que o movimento em si, né, e os coletivos culturais periféricos não aceitavam essa situação, porque a gente sabe que existiam muitos espaços públicos ociosos. E eram, aliás, altíssimos né, e sendo que existiam prédios públicos que poderiam abrigar esses equipamentos. Então, uma das demandas do espaço ser aqui, desse espaço cultural ser aqui, era porque já era um prédio público e já era um prédio público da Subprefeitura, né. Então, não existia muito motivo pelo qual a gente não

poderia utilizar esse espaço. Se existia uma demanda por espaço dessas dezenas de coletivos, existia esse prédio público, né! Então, pra gente não fazia o menor sentido, tendo esse espaço no bairro, a gente pagar aluguel pra outro espaço, mesmo que fosse a Fábrica da Panco, que é aqui próximo também, existia uma questão: a gente nem sabe hoje meio como é que tá. A gente sabe que é um espaço particular, mas que tem uma questão com impostos e que a Prefeitura poderia talvez intervir, fazer a reapropriação desse espaço para ser um espaço público, mas de todo modo a localização, que também é um fator muito importante. A gente está nas duas avenidas principais do bairro, né. Então, o impacto que esse espaço tem no território ele é muito grande, também por conta da sua localização, por conta das atividades, mas é bem estratégico, né, a gente estar aqui.

É... Além desses diálogos, né, nessa época, também ainda de rede, além desses diálogos que a gente fazia direto com o poder público de marcar reuniões, fazer constantemente, a gente ainda fazia muitas ações em praças, né. Os manifestos culturais, que a gente chamava a comunidade, fazia na praça, a maior parte acho que aconteceu aqui na Praça do 1º de Maio, mesmo com é conhecida, na Praça Benedito Ramos, e aí a gente fazia uma programação artística ali e sempre pautando e chamando a atenção pra essa ausência de espaços, né. De espaços públicos e culturais no bairro, né. Então, eram ações muito voltadas pra isso. Depois de um tempo a gente percebe que essa estratégia ela é importante para construir essa legitimidade com o bairro, mas, às vezes ela não fazia tanto efeito quanto outra ação que, a partir de 2014, a gente passou a fazer muito que era a do constrangimento total de qualquer autoridade pública em qualquer ação. Então, o prefeito vinha aqui pra fazer um diálogo sobre educação, alguém da rede ia estar lá com a plaquinha falando da casa de cultura de Ermelino. Então, todos esses espaços, a gente foi criando um clima dentro Prefeitura de insuportabilidade. Porque pra nós, né, isso é até uma diretriz que dirige a nossa narrativa hoje, no sentido até no livro que a gente construiu contando a história desse movimento, que é defender o óbvio, que é uma bandeira do Movimento Cultural das Periferias, enfim, que pra gente era o óbvio, a gente não estava pedindo nada além do óbvio, né. Que coletivos culturais que muitas vezes ficam sem ter onde guardar seus equipamentos, trabalhando em condições precárias e um espaço vazio, né. Não tinha o menor sentido pra gente. Então, foi muito nesse sentido que a gente pensou nesse espaço e que a gente pautava a nossa atuação.

Aí, enfim, com toda aquela, essa primeira residência que a gente conseguiu fazer aqui nesse espaço em 2014, nesse processo, a gente faz meio que uma transição de Rede Cultura ZL pra Ocupação Cultural Ermelino Matarazzo, né, como ficou chamado esse espaço, e na sequência a gente começa a se entender enquanto movimento cultural, né. Entendendo que ele é um movimento um pouco mais fluído mesmo, né, a questão da rede trazia uma questão de atores meio fixos, né. E quando a gente se transforma em movimento acaba saindo muito mais pra comunidade, e aí que a gente sai daqui, um pouco depois, lá em 2015, a gente começa a ocupação na praça, né. A gente meio que tomou um baque com a saída daqui, viu que as coisas não estavam muito andando, mas em 2015 tem um episódio que é bem marcante nesse histórico inicial da ocupação que foi a residência que o grupo do Balaio fez na Praça Benedito Ramos, né. Eles tinham que fazer uma apresentação, né, pra cumprir até um projeto que eles estavam sendo apoiados pela Prefeitura, aí eles montaram toda uma estrutura circense lá na praça, e assim que eles terminaram, estava super bom, assim que eles terminaram de montar começou a chover. Aí eles não tinham como desmontar tudo e remontar no dia seguinte, por exemplo. Então, como eles participaram ativamente de todo esse processo, também participavam da Rede Livre Leste, enfim, já conheciam essa demanda do bairro, eles falaram: “gente: isso aqui mostra como é indigno a situação do trabalhador cultural de Ermelino Matarazzo que não consegue ter um espaço mínimo para desenvolver suas ações”. Então, eles já aproveitaram aquele momento para falar: “então a gente vai acampar aqui na praça e a gente convoca e convida todos coletivos do bairro de fazer uma ocupação cultural”. Aí ficou alguns coletivos dormindo mesmo na praça durante uma semana. O Balaio fez a apresentação dele e aí começou a se criar uma programação cultural ali na praça, né. Durante essa primeira semana e que depois se estendeu aí por mais um ano de ocupação, não dormindo todos os dias, mas com uma programação fixa desses coletivos na praça, na Praça do Benedito Ramos.

Aí a partir disso, muitas pessoas começam a se aproximar. Pessoas que nunca talvez tiveram contato, exatamente com coletivos, até porque a maior parte dessas pessoas que estavam na rede na época eram pessoas que já tinham uma atuação de alguns anos dentro de algum coletivo. E esse momento que a gente vai pra praça é um momento que agrega muitas pessoas que não tinham experiência em coletivos, né, e que eram moradores, eram pessoas interessadas que viram as atividades acontecerem e foram se somando. E aí nasceram ali várias ações que acontecem até hoje: o Ermelino Ocupa, que acabou de completar cinco anos; a Baralho Ocupa que durou aí os seus quatro anos; o Cinepipoca que acontece até hoje; e diversas outras ações.

Nasceram ali na praça, lá em 2016 já muitos fortalecidos por esse processo de ocupação, a comunidade já abraçando muito essa ideia e também muita articulação com outros territórios da cidade, principalmente da Zona Leste. Articulação com o Fórum de Cultura de Zona Leste, com o Movimento Cultural das Periferias e a gente consegue construir uma proposta conjunta com a Secretaria de Cultura na época. E com a Subprefeitura de realmente os coletivos ocuparem esse espaço e realmente fazerem a gestão desse espaço em parceria com a Prefeitura. Aí assim começou então essa primeira ideia do que viria a ser, tipo, na época, a gente estava muito na ideia de uma casa de cultura. Então, nosso plano, lá no início, era da gente começar essa residência – ocupação cultural – com vias da construção de uma casa de cultura, uma reforma, né, e a gestão fez mil promessas de que ia ser construída a casa de cultura e tal, e aí isso não se consolidou, né. A gente fez esse projeto de ocupação que durou seis-sete meses, e aí a partir disso, esse projeto não se consolidou e a gente passou a se entender... então tá, esse projeto acabou, a gente não teve interesse em renovar, depois o Douglas vai se aprofundar mais nessa narrativa, né, nesse entendimento desse processo, mas foi ali meio que surgiu tudo. Todo esse caldo de coisas que originou esse espaço, né. Aí a gente se entendeu então enquanto... Então beleza, isso não é uma casa de cultura, vai ser uma ocupação cultural. E que bom que a gente decidiu isso, porque a potência que hoje esse espaço tem, sendo um espaço gerido por coletivos, movimentos culturais, é muito maior, muito mais grandioso do que qualquer casa de cultura que a gente conhece na cidade.

Gustavo MCEM – Acho que até falei toda essa história, mas é muito importante que, pra mim, particularmente, tem uma figura em todo esse processo que pra gente é uma referência no bairro, aqui, pra quase todos os coletivos de Ermelino é uma referência que é o Uilian Chapéu. Pra mim, assim, durante todo esse processo ele foi uma pessoa muito presente na rede, em todo esse processo, e também nesse processo de pesquisa, né. O Chapéu a gente sempre brinca aqui que ele é a nossa memória viva. Hoje ele até se incomoda que a gente fala que ele é parte da ocupação, ele não... hoje né, ele não reivindica essa posição, mas pra gente ele é essa memória viva que a gente tem acesso sempre, que ele fortalece sempre dentro das possibilidades dele. Ele fez todo esse processo de resgate junto com outras pessoas na época, né, da Cultura ZL ainda. E isso está muito ligado ao nome que a gente batizou a ocupação, né. Então, é... os movimentos de educação, de moradia sempre pautavam essa questão da cultura também na... como uma das pautas, mas a pessoa que a gente tem assim material mesmo, é... meio que evidencias que realmente pautava essa questão foi o professor Mateus Santos, né, na década de

1980. Ele era... foi professor de artes plásticas, deu aula pra várias pessoas do bairro, né, aulas de artes plásticas. E ele retratava o bairro na sua obra, né. Então, ele foi uma... ele era uma referência. E a gente tem até um documento dele, que é uma lista de presença, né. Quando a gente começou a ocupação com esse nome, muita gente do bairro vinha aqui e falava: “ah, eu fui aluna do professor Mateus”, chegava e entregava um monte de coisa pra gente. “Ah, eu fui aluna dele, ainda tenho isso aqui”. E uma pessoa trouxe uma vez uma lista de presença de uma aula do professor Mateus Santos em 1981. E aí a gente tem uma nota de rodapé dele, nessa lista de presença, ele coloca observação né. Porque ele começou a aula com dez alunos e no final tinha mais de oitenta, sei lá, depois a gente pode até pegar essa lista pra ver o número certinho. Mas ele coloca uma nota de rodapé: “Ah, assim como eu estava dizendo né, alunos nós teremos, só nos falta um salão”, né. Então, na época ele fala salão talvez porque era a referência que ele tinha, mas ele dava aula nas praças. Porque ele não tinha um espaço pra dar aula. Então, muitas das aulas dele aconteciam em lugares improvisados, né, cedidos por moradores ou as vezes ao ar livre mesmo, em praças e ruas. Então, retomar essa memória pra gente também era importante, né. Foi muito importante! A gente decidiu trazer essa ideia de batizar esse espaço com o nome dele, até também, porque, existem várias provocações no meio disso. A gente fala muito aqui “o nosso bairro se chama Ermelino Matarazzo”, né, mas quem foi Ermelino Matarazzo? Será que realmente era uma pessoa que realmente se identificaria com esse bairro hoje, como ele é? Sabe, então foi uma forma também da gente tentar ressignificar um pouco os nomes, né. Os nomes das ruas, os nomes dos espaços, assim, que bom que a gente tem uma memória que seja construída a partir dos nossos e não a partir de referências que muitas vezes não dialogam com a nossa própria existência. Acho que é um pouco isso a referência que a gente tem dessa luta histórica no bairro de Ermelino Matarazzo foi o professor Mateus.

Gustavo MCEM – Alguém do bairro veio aqui e entregou pra gente um documento e a gente tomou esse susto – movimento de cultura e moradores de Ermelino Matarazzo, se referindo ao Movimento Cultural Ermelino Matarazzo. Aí também já falando dessa mesma demanda da falta de espaços no bairro.

Renata CPDOC – Você acha que é uma característica comum nos bairros periféricos?

Gustavo MCEM – Com certeza! É, não é novidade, o Ermelino é só mais um em tantos casos, mas talvez seja um dos casos mais acentuados, né, em comparação a outros territórios próximos,

mesmo em São Miguel você tem casa de cultura, durante muito tempo você teve uma oficina cultural, né. Então, Itaim Paulista você tem, na Penha você tem, Ermelino acabou sendo bem, enfim, esquecido mesmo nesse quesito de ter só uma biblioteca. Nenhum CEU, gente, que não é um equipamento exatamente cultural, que acaba, às vezes, impactando no território. Mesmo o CEU, a gente, o bairro do Ermelino ficou desprovido desses equipamentos. Mas com certeza é a situação de várias periferias não só da leste, na Zona Sul teve vários outros casos também, Cidade Ademar, que os caras fazem uma luta até hoje, nem sei como é que tá agora lá a situação específica. Mais também na mesma situação de Ermelino, né, de não ter equipamento cultural. É uma situação infelizmente ainda muito comum, mas também se torna cada vez mais comum espaços como esse: as ocupações culturais, né. Inclusive hoje já organizada nos blocos das ocupações, que também é uma articulação mega importante da cidade, vários territórios, inclusive a gente conseguiu esse ano a primeira do edital de credenciamento de ocupações culturais. Então, o credenciamento de espaços públicos ociosos que são geridos por coletivos culturais, né. E aí a secretaria é o primeiro passo de reconhecer esses espaços e, é óbvio, que não veio nada a isso. É uma articulação que nós no bloco estamos discutindo isso há mais de cinco anos, né. Entendendo a importância desses espaços e que a prefeitura de alguma forma dê segurança jurídica pra esses espaços no mínimo pra gente não sofrermos aí a questão de ameaças, de perseguição política, partidárias e etc. Então, pra justamente evitar isso a importância desse tipo de ação de reconhecimento do poder público.

Renata CPDOC – O bloco de ocupações está junto com o Movimento Cultural das Periferias?

Gustavo MCEM – O bloco das ocupações é um braço do Movimento Cultural das Periferias, né. O Movimento Cultural das Periferias é uma coisa muito grande, bem totalizante. Dentro dele existem várias discussões, várias temáticas e o bloco das ocupações acaba sendo um dos braços. Eu acredito hoje que talvez o braço mais forte, assim, mais importante da gente pensar a cidade comum um todo, mas claro que durante um tempo a principal bandeira foi o fomento a cultura da periferia que hoje é uma lei e está na 5ª edição. Então, já é um processo um pouco mais estabelecido, a gente está nesse processo de avaliar a lei, os impactos e quais coletivos acessaram, mas acho que hoje a discussão mais potente dentro do Movimento Cultural das Periferias é o bloco das ocupações, né. São o reconhecimento desses espaços, os impactos que eles tiveram e acho que a pandemia, ela demonstrou de forma gigantesca a importância desses espaços para além da cultura inclusive, como espaços de articulação comunitária e articulação

territorial. São espaços que, assim como aconteceu aqui, a própria comunidade procura, né. Não foi opcional pra gente, começar a entrega de cestas. A gente já tinha um trabalho no território, a gente já era reconhecido e por conta disso o bairro, o território começou a nos procurar. Aí a gente tá... E aí a gente precisou responder essa demanda. Então, foi algo muito orgânico assim como aconteceu aqui, aconteceu em outros espaços: aconteceu na Okupação Coragem, aconteceu na Ocupação Love CT, enfim, em diversas outras ocupações da cidade.

Renata CPDOC – Se você puder pontuar: você falou lá em baixo que em 2012 vocês pegaram um VAI, e aí vocês pegaram outros fomentos além do VAI e quais foram e são que grupos que pegam?

Gustavo MCEM – Tá! Nessa época, assim, a gente tem toda essa narrativa inclusive por conta que o Dougue fala, por conta da oralidade, né. Nessa época eu não estava tão ativo dentro da Rede Cultura ZL, eu tava mais ativo no Periferia Invisível, que é um coletivo que eu faço arte até hoje, e eu acompanhei esse processo um pouco a distância, eu participei de algumas ações mais eu não estava dentro. Quem estava tocando mais esse projeto era o Chapéu, o Vander Che também, que também teve uma passagem aqui na ocupação que foi importante. O Alvíco também que a gente já citou em outros momentos. E o Cultura ZL em si acessou o VAI duas vezes. O movimento, aí depois que a gente fez essa transmutação para o Movimento Cultural Ermelino Matarazzo a gente acessou a 1ª edição do Fomento a Cultura das Periferias, e acessamos também a 3ª edição do Fomento a Cultura das Periferias. Isso falando só enquanto movimento, enquanto cultura. Todo esse espaço com esse movimento e essa grande rede de dezenas de coletivos, muitas coisas que a gente tem aqui foram coletivos que acessaram uma política pública, seja o VAI, seja um PROAC, o grupo Balaio que acessou o Fomento ao Circo, enfim, vários desses grupos acabaram tendo aqui uma sede para que esses equipamentos permaneçam em uso, né. Até porque ficava encostado dentro da casa de algum dos integrantes, eles não tinham tanta utilização. Então, esses equipamentos acabaram sendo centralizados aqui na ocupação e colocados pra uso. A ideia que tudo gire e circule sempre, né, dos coletivos.

Renata CPDOC – Agora fala pra gente um pouquinho dessa sala (sala de memória da ocupação)?

Gustavo MCEM – Essa sala ela é resultado até dessa reflexão que nós internamente do coletivo temos feito no sentido de memória, registro, história e narrativa. Então, nós enquanto Cultura ZL e Movimento Cultural Ermelino Matarazzo hoje a gente tem uma preocupação muito grande em quem vai contar as nossas histórias, né. Então, não deixar esse processo pra outras pessoas, deixar isso terceirizado. Então, cada vez mais nós mesmos nos apropriarmos dessas ferramentas de narrativas, né. Essa sala aqui na ocupação fala um pouco da nossa história. É um memorial, tem vários momentos aqui que pra nós são importantes, seja importante no sentido afetivo, seja importante no sentido político, no sentido da nossa história mesmo, né. Então, desde matérias que saíram em alguma revista até livros de pessoas que passaram por aqui...

Gustavo MCEM – Desde pessoas que tiveram passagem até curta por aqui, mas que acabaram marcando muito. Então, ali, por exemplo, ela é uma mina que veio fazer uma residência artística aqui no papel de pesquisadora. Então, ela tava fazendo uma pesquisa sobre os Filhos de Ururay, que é um grupo de lá de São Miguel Paulista, né, de poetas, e aí ela tinha que vir pra São Paulo e ficar aqui um tempo e aqui no espaço, além de vários espaços, a gente tem o nosso Hostel Artístico, que tem exatamente essa função: de receber artistas e também pesquisadores independentes que venham pro espaço. Aí ela passou 12 dias hospedada aqui na ocupação, mas pra nós ela foi uma pessoa extremamente marcante, e aí o resultado do trabalho dela ela publicou em livro, mandou uma cópia pra gente. E ela também foi uma das pessoas que nós convidamos pra fazer um texto que está no nosso livro, nesse livro que a gente lançou no ano passado que é o “Defendendo o óbvio”. Então, ela criou o livro dela e a gente também convidou ela pra fazer um olhar de fora, né. A ideia desse texto era um olhar de alguém de fora chegando na ocupação. E ela tem uma vivência completamente diferente e trouxe um pouco do que impactou ela ficar esses 12 dias hospedada aqui nesse espaço. Então aqui assim, foi só um exemplo, a gente tem matérias, tem fotos, né, que são sempre nessas relações que a gente construiu com pessoas de momentos e afetos. Aqui são fotos também, a gente tem... No dia do lançamento desse livro, a gente também lançou uma exposição, que foi uma exposição fotográfica contando a nossa história desde a praça, até os dias atuais. E a exposição rolou lá em baixo, né, no salão do meio. Foi uma exposição chamada “Abraços”, e aí quando a exposição terminou a gente utilizou as fotos e espalhamos. Além desse espaço têm outros que estão ali na escada, tem fotos espalhadas por todo o prédio. E aqui a gente colocou algumas que representam também esses momentos históricos do espaço. E é isso, basicamente é um espaço

que a gente tem como memória, como história que retroalimenta um pouco sempre essa... nos mantém em contato com essa história também, com essas raízes, né. Acho que é um pouco isso.

Renata CPDOC – Só, o quê é esse quadro aqui ô? (Referência ao quadro do Mateus Santos na sala de memória)

Gustavo MCEM – Esse é um quadro do Mateus Santos! Também surge... a gente que moldurou, mas também é nesse mesmo processo de pessoas que vêm entregar.... no momento em que a gente nomeou a ocupação passamos pra Mateus Santos, inúmeras pessoas vieram aqui entregar material pra gente. Então, esse aqui foi só uma obra dele. A gente achou importante também de deixar registrado, né, esse material. Ali é uma carta que eu estava falando antes que é da década de 1990, né, de um grupo de artistas de produtores do bairro que já se intitularam como Movimento Cultural Ermelino Matarazzo. No momento que a gente surgiu com esse nome a gente nem sabia que já tinha existido outro grupo com essa, praticamente, a mesma nomenclatura. Enfim, aqui são algumas matérias de veículos que saiam né falando de algumas de nossas atividades, a feira vegana, aqui falando de... do espaço também, enfim, são várias matérias, vários momentos aqui falando também do espaço. É, enfim, acho que é isso!

Renata CPDOC – Pra você, é... que esse espaço é importante em toda essa história, como é que ela muda no processo de vida?

Gustavo MCEM – Olha, é... Pra mim tem muito, assim, particularmente, tem muito de mim aqui dentro, né. Acho que eu sou uma das pessoas que acompanhei o processo dessa ocupação, assim, desde o início, desde a segunda ocupação, desde 2016 eu atuo aqui dentro. É um espaço que eu acredito de mais assim. Ele casa muito com as minhas convicções. Hoje ele é um espaço que profissionalmente eu atuo pra além de toda a militância, mas é o espaço que a gente sempre busca formas de sobrevivência e, não só de sobrevivência, mas de vivência. Cada vez a gente está discutindo um pouco isso: como é que a gente deixa de sobreviver de cultura e passa a viver de fato, né. Que não deixe essa relação sempre precarizada. Então, esse espaço, ele tem muito das coisas que eu acredito e, principalmente, acho, que dentre essas coisas a questão coletiva, né, aqui. Por mais que ele me atravesse muito individualmente, na minha questão de vida, na minha potência, meu entendimento enquanto produtor cultural, no meu entendimento enquanto pessoa, enquanto ser humano, enquanto várias coisas, mas pra além disso ele é um

espaço onde a gente tem uma atuação coletiva muito forte, né. E eu sou uma pessoa que acredito muito nessa atuação coletiva, nessa atuação horizontal que a gente consiga se olhar, que a gente consiga é se respeitar e construir juntos, né. Aqui o lema é sempre esse: como a gente faz uma construção coletiva e conjunta. Então, pra mim ele tem essa importância assim. Hoje, a maior parte do meu tempo é dedicada a esse espaço. Eu passo muito mais tempo nesse espaço do que eu passo com a minha companheira, por exemplo, sabe, em casa. Tipo, é bem complexo essa relação, mas, porque eu acredito muito nesse espaço e na transformação que ele causa e não só acredito, como eu vivencio, eu vejo essa transformação todos os dias. Eu vejo como isso impacta todos os dias nas pessoas. Talvez agora na pandemia esteja um pouco mais difícil, mas até um pouquinho antes a gente vê todos os dias como esse espaço é importante e como ele transforma a vida das pessoas. No sentido assim... também materiais, mas muito além, no sentido cultural, no sentido de entendimento, conhecimento, informação, então a gente vê esse processo acontecer aqui todos os dias. Então pra mim é um espaço que me alimenta de mil formas.

ENTREVISTADO:

GIL DOUGLAS

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Douglas MCEM – Eu sou Gil Douglas, né. Sou conhecido como Douguinha. Tenho 34 anos, sou nascido e criado em Ermelino Matarazzo e desde sempre eu produzi cultura no bairro, tá ligado! Seja como assistindo, né, participando de alguns projetos, e aí depois eu tive que fazer uns trampos, tive que fazer outros corres, aí comecei a consumir um pouco menos em questão de volume. Então, de todo o processo desde o Cultura ZL ao movimento cultural eu já estava em Ermelino produzindo outras coisas em outros coletivos também. Eu começo meu processo na cultura dentro da Associação Leão Judai, que era uma associação ali na Vila Cisper, e tinha um foco muito com o skate, né. Então, eu produzia campeonatos de skates, a associação fazia eventos com Reggae, com Rap, com Rock, e eu puxava o bonde de fazer esses encontros com skate.

Depois eu fui um dos fundadores do Mobilize, que era um espaço cultural – a gente conseguiu um espaço e dava oficina de pintura, aulas de skate, encontros com grafite e exposições. Nesse

processo todo eu arrumei um trampo: fui trampar lá na sul. Então, São Paulo é essa loucura toda, eu me desgastava muito com o transporte, aí eu fui morar na sul. De segunda à sexta eu era um operário que trabalhava e dormia, trabalhava e dormia, sexta-feira eu vinha para onde meu coração batia que era a Zona Leste e aí vivenciava essa produção cultural nos finais de semana. Tá ligado? É... Passou muito tempo consumindo cultura e teve um momento que eu consegui criar forças aí eu demiti meu patrão e comecei viver e tentar sobreviver daquilo que eu acredito que é a arte. Tá ligado? Aí a produção se aumentou e eu fui me conectando com esses coletivos. Nesse processo o Mobilize já tinha acabado, aí eu estava meio que ajudando na Ocupação Cultural Mateus Santos. Na época não era ocupa aqui, era na praça, um movimento cultural na praça. Aí eu ajudava, mas não me intitulava que eu era da ocupação, porque o meu fazer era pouquíssimo perto de todo aquele corre gigantesco que o movimento cultural de Ermelino sempre teve.

Eu participei de todos os processos. Desde o Ocupa CEU, que foi um evento que a gente fez no CEU da quebrada reivindicando espaço; até a ocupação da praça, reforma da praça; o nascimento do Sarau Ermelino Ocupa; o nascimento da Batalha Ocupa; eu estava nesse processo todo, mas como braço mesmo, eu não era do movimento, eu não narrava isso, eu não me sentia parte, mas carregava a tenda, eu ajudava na construção, eu limpava. Até que veio para o prédio e aí nesse momento eu já estou conseguindo me virar sem ter um patrão, sem ser chicoteado, e aí o fazer artístico começa a se aumentar, né. E aí eu acho que eu começo a me sentir parte da ocupação no momento mais crítico dela. Quando a gente sofre uma perseguição, que aí começou a ter um processo... uma briga política mesmo, o secretário de cultura ameaça bater num fazedor de cultura e esse processo doeu muito, não só aqui em Ermelino, mas respaldou em toda a São Paulo, no fazer da cultura da São Paulo inteira, né. Eu acho que é legal frisar que nesse processo o Uilian Chapéu ele é muito importante pra mim porque ele é esse fio condutor, que ele pega essa geração mais antiga e estica pra gente até naquele momento em que eu estava me inserindo. Então, pra mim, eu acho que é muito emblemático que lá em Perus, aquele território tem o mestre Soró como a grande referência – uma nuvem que carrega todo o saber da cultura. Aqui em Ermelino, não na Zona Leste, aqui em Ermelino o Chapéu faz esse papel.

O Chapéu é o cara que pega um adolescente de 14 anos que está começando a produzir cultura aqui na ocupação e ele leva esse adolescente até o começo do Cultura ZL, conta as histórias, como foi difícil, como era pra ter energia numa praça, como que era produzir cultura naquele

processo, como era pautar um espaço que a gente não sabia qual era a forma dele e como ia ser e ele conecta você com isso. O Chapéu fez muito esse processo comigo, então, hoje o meu fazer artístico é totalmente respaldado nessas pessoas que antecederam nossas presenças aqui. Aí eu fui muito conectado também com o Alvico, desde a mesma geração que o Chapéu. O Alvico, um professor do bairro, grafiteiro, uma pessoa que pautou muito cultura em Ermelino. Ele tem um processo... Ele está vivo, é outra memória viva que a gente tem no bairro, e ele tem muito esse fio. Até o final do ano passado o Alvico estava muito presente na ocupação, mesmo a vida dando essas voltas. Ele teve que se mudar do bairro, trabalho, entrou em duas escolas, então, o corre dele foi pra outro lugar, mas a relação com ele e com esse espaço é gigantesca. Aí você vai ver obras do Alan aqui em todos os espaços que tem na ocupação. Então, essas pessoas me conduziu a ter esse folego que eu tenho hoje e meu estilo de vida permite isso. Eu sou um cara solteiro, não tenho passarinho pra dar comida, então, eu consigo produzir cultura praticamente 48 horas por dia. Dormir produzindo cultura, acordar produzindo cultura. E meu fazer artístico tem essa relação totalmente focada em Ermelino Matarazzo, sobretudo, na Ocupação Cultural Mateus Santos. Então, hoje esse espaço, de 2017 pra cá, é o espaço que todo dia eu tô aqui, com sede e vontade de produzir cultura. Tá ligado? Aí vem nessa crescência, né.

Nesse momento da perseguição do secretário de cultura a ocupação não tinha toda essa estrutura que ela tem hoje, esses números de salas. Era um espaço que a gente conseguia usar pra fazer as atividades, o resto era cercado de entulho e precisaria de uma reforma braçal mesmo. Quando a gente tem essa perseguição, loko entender que a periferia se move ao contrário: quando veio a perseguição a gente amplia o nosso fazer. Quanto mais perseguição, mais se ampliou. Então, a gente conseguiu abrir espaços. Nesse período acho que é legal frisar que cortaram da ocupação, então, a gente ficou sem água. Conseguimos, o mestre Soró sempre falou: sevirologia, né, então a gente conseguiu uma caixa d'água gigante, uma bomba d'água que jogava água pro andar de cima e aí por gravidade alimentava o prédio. A gente tinha que comprar caminhão pipa. Um prédio sem incentivo nenhum financeiro. Tinha que todo mês comprar um caminhão pipa. Não contente com isso, eles cortam a nossa energia, então, fica um prédio sem água e sem energia. E a gente consegue usar a sevirologia e a tecnologia periférica pra conseguir ter energia no prédio. Acontecer eventos, ter o espaço limpo, organizado e isso tudo só foi alimentando o nosso desejo de ampliar as coisas. Hoje a ocupação se transformou nesse monstro com diversas salas, diversas opções de fazer artístico – vai desde dança, a teatro, a oficina de RPG, parkour, defesa pessoal, sarau, slam, batalha. Então, é uma pluralidade muito

grande de conteúdo periférico feito pela periferia, assistido pela periferia e pra periferia. Então, acho que hoje eu tenho orgulho de dizer que Ermelino Matarazzo – você pode morar aqui e não sair daqui que você vai ter acesso a um mundo. Uma infinidade de fazer artístico, tá ligado!

Renata CPDOC – É... Fala um pouquinho pra gente... Você falou do mestre Soró, quem é o mestre Soró e o que é sevirologia?

Douglas MCEM – Sim, massa! Mestre Soró é um fazedor de cultura, um mestre de cultura popular lá de Perus. Ele é um cara que lutou pelo... já tem um histórico muito grande da luta dos queixadas, maior greve do país. Uma greve pacífica. Eles têm um lema “uma firmeza permanente” que é resistir o tempo todo. Acho que isso foi muito usado aqui na ocupação e aí a gente mostra que a geografia talvez não ajuda pela distância e o tamanho de São Paulo, mas a oralidade, o poder de contar história e repassar conhecimento... O Soró teve essa missão na terra e cumpriu com maestria. Ele fez um processo muito rico em muitos coletivos, criou a Quilombaque que é outro espaço lindo de resistência. E da Quilombaque se proliferou pra Hip-Hop Perus, pra Ocupação Canhoba. Diversos coletivos são guarda-chuva é... São espaços que tem como eixo central tudo isso: a sabedoria ancestral de mestre Soró. Fazedor de cultura que a gente teve o prazer de sentar, de ouvir em reuniões, de entender as pautas, entender o que foi cultura um tempo atrás. Como Mateus Santos foi também pra Ermelino. E a gente consegue fazer esses eixos e trocar essas sabedorias.

Sevirologia é um termo que o mestre Soró usava muito e que se encaixa perfeitamente na periferia. Sevirologia é a logística de criar soluções sem recurso. Eu não tenho água num prédio, eu não tenho grana e nem posso ligar uma água. Como que eu consigo romper essa barreira de ficar sem água? Sem grana? Existe uma obra no bairro que tem uma caixa d’água gigante. Essa caixa tá furada. A gente recebe essa caixa de doação, conserta essa caixa e consegue uma parceria com caminhões pipas, a gente paga um preço e eles trazem a água enche essa caixa, essa caixa alimenta outra caixa que desce por gravidade. Isso é sevirologia! Eu não estudei mecânica, eu não entendo de hidráulica, eu entendo que existe um prédio que produz cultura e tá sem água. Isso é um crime! Como diminuir esse crime? Tá ligado? Como minimizar esse dano? Ermelino é um bairro gigantesco e que não tinha nenhum espaço cultural. Como diminuir essa desigualdade? Como entender que meu lugar de consumo cultural não é Praça Roosevelt? Por mais que toda a sociedade me empurre a trabalhar de telemarketing no centro, me empurre

a eu olhar pra Praça Roosevelt, pra olhar pra Avenida Paulista, e pensar que legal é pedalar na Paulista no domingo. A gente rompe, a sevirologia vem e fala: “Não! Você pode pedalar no seu bairro, inclusive assistir um espetáculo no seu bairro de graça”. Você pode fazer um sarau e você não só vai ser público, você começa assistindo o sarau e depois voê é convidado a recitar, cria coragem e recita e se torna poeta. No seu território, tá ligado? Você não vai pra um outro território sentar, respeitar a ditadura de um palco italiano onde as luzes só coloca uma pessoa em holofote, só coloca um grupo em holofote. Todo resto é público, tem que ficar em silêncio, calado e só contemplar isso. Acho que sevirologia é um termo aplicado aqui em Ermelino, mas que é um termo aplicado pra todas as periferias do mundo inteiro. Esse hackeamento que é um saber que não tem caixa. Se eu quiser aprender muito sobre fotografia, tem uma faculdade que me dita e me mostra uma caixa. Se eu aplicar a sevirologia, eu vou apreender o conceito da fotografia na prática. Construir uma câmera do nada com uma caixa preta, aprendendo a tirar a luz, colocar a luz. E eu vou entender muito mais sobre fotografia porque o pensamento é livre.

Hoje na ocupação qualquer proposta... Se vier uma pessoa, a gente tem reunião de quinze e quinze dias. Antes da pandemia a gente tinha reuniões gerais que é aberta pra todo território vier e propor uma atividade. E já foram propostas atividades das mais variadas possíveis. Desde do tipo Krav Maga, que a gente nem sabia o que era isso. Mas existe um professor de Krav Maga que sempre deu aula em espaços de playboys, uma galera que tem acesso à cultura, que tem o direito à cultura garantido, ele falou “moro em Ermelino, acho lindo o que tá acontecendo aqui: vamo conectar isso!”. Deu uma oficina de Krav Maga aqui. RPG eu nunca tinha sonhado porque era RPG. Veio uma pessoa e propôs: “ô, faça RPG e quero dar uma oficina de RPG aí”. Então, essa troca, essa sensação de não só pegar esse saber periférico e servir as pessoas privilegiadas, quando você tem um espaço comunitário que não tem uma burocracia de um espaço, uma casa de cultura que tem uma secretaria que você nunca encontra a pessoa que te dá permissão de fazer alguma coisa. Aqui a permissão é de todos! Tá ligado? A gente tem alguns lemas que norteia esse fazer artístico aqui dentro, que é o “usufruir e retribuir”. Então, quando você produz muito, você já retribuindo pra ocupa. Entender esse processo de público protagonista. Outro lema muito grande que a gente teve que aprender aqui: “não pode ter vão entre o que você fala e o que você faz”. Então, é pra romper esse conceito da pessoa protagonista quem vem, fala, fala, fala, aí não pega a vassoura pra limpar o espaço no dia da faxina. “Levantou chuta”, que é outro lema que a gente teve que construir porque tem muita pessoa, muitas pessoas vinham na ocupa e falava “ah, acho mó legal. Que vocês acham da gente pintar

essa parede?” Mas ele não queria pintar. Ele queria ser esse curador, esse desejo, esse lance que vem muito do nosso país, é um país que tem uma branquitude muito convicta e sempre foram pessoas que falaram e as coisas acontecia. Aqui na ocupa o “levantou chuta” vem pra “ah, você quer essa parede cinza? Que dia que você vai vir pintar?” “Conseguiu a tinta?” Porque demanda a gente sabe que tem, a gente precisa mudar muita coisa na ocupa. Mas a gente não tem grana. É uma construção popular e que ela vai ser feita da forma que é possível perante a nossa realidade hoje.

Hoje mudou muito, a gente tem muita estrutura, a gente cresceu pra caramba. É... esse espaço aqui nem sempre foi essa beleza toda. A gente teve que... E por isso que é legal lembrar dessas pessoas que construíram, pautaram, em um momento que não tinha esse olhar pra isso. Ermelino não tinha esse foco cultural. Hoje todo mundo tem maior orgulho. Você tá em outros espaços “ô, eu moro em Ermelino”; “ô, que legal, lá que é o movimento cultural de Ermelino, e tal!” Então, acho que a Zona Leste vem crescendo muito nesse processo. É... Eu sou um dos pesquisadores do Zona Leste Sem Registro, que é um coletivo que faz um levantamento sobre artista e produtores e produtoras da Zona Leste. E o que a gente descobriu da primeira edição da nossa pesquisa foi que muita gente produz cultura, cultura, e não se acha que é produtor cultural. Você pergunta pro Chapéu o quê que ele é ele vai falar “eu trabalho com metalúrgica”. O Chapéu é uma pessoa extremamente artística, é uma pessoa que organiza, é um dos fundadores do Slam da Guilhermina, ele tem um fazer artístico gigantesco. Ele tem um olhar pra produção cultural gigantesca, mas não é isso que alimenta ele. Hoje tem um trabalho, tem filho, tem família, ele foi pra um outro lugar e ele nem se reconhece como produtor cultural. Um processo que quando você tem um espaço com todos esses lemas, com todo esse peso ancestral, ele faz a população se reconhecer artista. Então, a pessoa entra aqui pra assistir uma coisa, e acaba se tornando produtora cultural, acaba se tornando poeta, slammer, é... rimador. E aí isso mostra inúmeros né. A gente começa a ocupação, tem o quê: oito coletivos. Vai crescendo, vai crescendo. Em 2018 a gente fez um levantamento e a gente tinha sessenta e dois coletivos. Em 2019 a gente fez esse levantamento, a gente tem um mapa com esses coletivos que atuam dentro da ocupação, e se tornou setenta e cinco (coletivos). Então, em um ano, nasce mais de dez coletivos em um território que não tinha espaço cultural. Isso prova que qualquer território de São Paulo e do mundo se tem um espaço cultural realmente democrático e construído de desejos e anseios da população que mora ali, feita pra população, da população do território, isso vai ampliando todo o tempo. Então não é a Ermelino. Se a Ocupação Cultural

Mateus Santos estivesse em outro espaço, seria a mesma realidade. Ia se ampliar o fazer cultural daquele território. E eu não sei se esse é o melhor jeito que a gente consegue encontrar um com equipamento público de cultura. Quando você coloca uma casa cultural, uma casa de cultura, em um território, se toda a população se sente parte daquilo. Se eu posso chegar lá com um quadro e posso colocar na parede. E ninguém perguntar por quê que aquele quadro está na parede. Não tem uma curadoria, não é pela estética da obra. “Você é morador? Você que pintou?” Ele tá na parede, vai ficar aqui sim e todo mundo vai ver esse quadro.

Renata CPDOC – Ô Douglas, você falou que você era um operário, né, você demitiu... Que atividade você fazia? Que atividade você passou a desenvolver aqui? E... Você falou um pouco desses coletivos, enfim, como é que funciona aqui? Aproveita se você puder aprofundar um pouco, como é que tá hoje, você mostrou pra gente várias salas, né. Se você puder contar quantas salas e como vocês organizaram as salas. Como é que foi chegar pra fazer isso. Você falou “olha, de oito coletivos pra setenta e dois...”

Douglas MCEM – Setenta e cinco!

Renata CPDOC – Como é que as pessoas se apropriam desse espaço? Se eu quiser chegar aqui hoje com o meu coletivo e pá “e aí, a gente pode chegar junto aqui, né?” Como é que a gente se apropria desse espaço? Como é que a gente passa a falar assim “ah, eu quero, eu não quero?” Como é que são esses processos?

Douglas MCEM – Massa! Primeiro, sobre a primeira pergunta, eu, desde muito jovem eu tive que trabalhar e como qualquer outro corpo preto, periférico. Eu entreguei panfleto, aí depois eu fui trabalhar em obra como ajudante geral. Aí depois eu entrei numa empresa que trabalhava na ferrovia, na MRS Minas/Rio-São Paulo. Aí a gente fazia a manutenção da linha férrea. Aí eu fiz todos os trabalhos que qualquer ajudante faz lá e fui me adaptando, aprendendo a fazer muita coisa. Quando eu consegui demitir meu patrão, eu já tinha entrado numa camada legal do trampo, mas aquilo me sugava muito. Porque aí eu fico seis anos dentro dessa empresa, eu entro como ajudante, e vou galgando espaços lá dentro. Terminei o ensino médio, sou um cara que não sou letrado, não tenho faculdade, não tenho... Meu saber é totalmente popular. Mas lá dentro eu consegui cavar um espaço que eu consegui ter acesso a algumas coisas, e quando eu saio lá, quando eu demito o meu patrão e viro um corpo livre, eu tento aplicar tudo que eu

conheci lá dentro no meu fazer. Aí a sevirologia sempre teve que ser presente na minha vida. Então, eu fui tramar fazendo móveis de palhete, eu fui me virar, fui me virar! Aí aprendi a virar fotógrafo na raça, aprendi a virar técnico de som na raça, tudo pra ter a sobrevivência de um corpo livre. Aí depois de ter provado essa sensação, já era! Você não consegue mais respeitar uma carteira de trabalho, um cara que vai coordenar o seu tempo de vida, o seu fazer, o jeito que você vai falar até a roupa que você se veste. Eu era um cara que tinha uns dreads, eu tive que cortar o dread por conta do meu emprego, tá ligado? Então, eu vejo evolução nesse trabalho, hoje é mais tranquilo você tramar com tatuagem e de dread, mas nem sempre foi isso, nem sempre foi essa evolução que a gente vem vivendo hoje, essa evolução é segmentada. Em uma outra entrevista para um outro rolê eu falei que sou um corpo preto extremamente privilegiado. Porque se eu for pegar a história do mesmo mano que tramar comigo lá há dez anos atrás, ele continua na mesma obra, fazendo o mesmo trabalho todos os dias.

O que mudou, a minha realidade, com a dele, é muito mais próxima do que a minha realidade como produtor cultural. Eu sou filho de nordestino como ele. Eu sou semianalfabeto como ele. Eu trabalhei minha vida toda com o corpo, com o braço, cansado. Eu nunca pensei que descansar um final de semana fosse válido pra mim. Tá ligado? Eu nunca pensei em ter tempo pra mim. Eu sempre vendi minhas férias. Eu sou muito próximo dele. Eu não sou próximo de um produtor cultural, que se formou em uma faculdade, que estudou Geografia e hoje pauta o acesso à educação. Eu não sou próximo desse cara. A fala dele não me contempla. A distância da minha realidade pra dele não me contempla. Só que eu não tô mais na obra. Então, eu sou um corpo privilegiado. Porque o meu perfil era pra tá ali. O que mudou de mim pra essas pessoas que continuam lá? Hoje tem poesia minha publicada em livro! Tá ligado? Quando eu falei pra minha mãe que eu fiz um trampo na biblioteca, minha mãe perguntou: “E você falou pra eles que não terminou a escola?” Tá ligado? Então, existe caixas de mágoas patriarcais que me mantêm distante da própria produção cultural. Quando eu começo a me reconhecer como produtor cultural, eu não quero me adaptar ao mercado. Eu não quero ser esse produtor cultural distante da vassoura, distante da produção, de conversar com as pessoas. De tá no baile, de produzir no baile. Eu não quero produzir pra grandes eventos. Grandes eventos pra mim é ver essa ocupação lotada. Grande evento pra mim é ver o pessoal do bairro, você ir no mercadinho e o pessoal perguntar se tem sarau. É o melhor público, tá ligado? Que é o público que eu me identifico.

Sobre usar o espaço (tosse), é muito natural. Inclusive hoje, quando a gente acabar essa entrevista aqui, a gente tem uma reunião com o coletivo da Tereza de Quadrinho, que eles tem um coletivo de HQ. E eles começaram nessa pandemia, trabalho lindo de entregar cestas, distribuir máscaras. Eles fizeram um trabalho com palhaçaria, ensinando a criançada como usar o álcool em gel aqui na ocupação. Eles vieram vestidos de palhaços, de uma forma mais leve, mais artística, pra conscientizar o nosso bairro. Só que eles ganharam muita revista, muita HQ que eles tem carinho. Eles tratam o HQ com respeito gigantesco. Pobre, de quebrada, não tem espaço em casa pra acumular isso. E a gente vai fazer uma reunião pra como a gente ceder o espaço ali, aconchegar, acolher esse coletivo. E esse processo é natural. Acho que a gente pode dar muito o exemplo do Artur, que é um cara que veio morar no bairro. E aí ele, num Cinepipoca. Ano passado a gente fez um Cinepipoca sobre o filme Bacurau e... hackeamento, a gente conseguiu extrair esse filme. Na época estava estourando. A gente pegou esse filme e falamos “vamos exibir, que massa, acesso pro filme”, né. Aí lotou! A gente teve que segurar pessoas porque não coube todo mundo. Lotou a sala, e tal. Aí o Artur e a Laís é um casal que veio assistir. Eles estavam morando no bairro. Ele tinha acabado de se mudar, morava na Lapa. E ele achou lindo o espaço e falou: “como que faz?” “Já tamo fazendo, né!” O Chapéu tem um lema muito legal que quando ele está explicando pras pessoas o quê é a ocupa, aí o pessoal pergunta “mas quem é o responsável?” Aí o Chapéu fala “é todo mundo!” Inclusive se eu sair daqui agora e você ficar, você é o responsável. Então, a gente falou, é só vir. Aí ele veio, falou do fazer dele. Aí ele começou a aplicar umas oficinas, participar do parkour. Hoje ele tem um coletivo sobre defesa pessoal, sobre veganismo e alimentação mais sustentável na quebrada. É um coletivo que nasceu desses encontros que ele teve nas reuniões, de conversar com um, com outro. O parkour que ele se envolveu também, o Gustavo foi uma pessoa que veio numa visita técnica, a EACH (USP Leste) chegou a fazer uma visita, aí ele é estudante da EACH. Ele veio, se deslumbrou e falou “puta, eu quero aplicar um projeto aqui”. E está fazendo um trabalho lindo. Ele começou com o parkour só pra adulto, agora ele quer um parkour pra criança. E um parkour pras crianças em casa. Então, são momentos mais simples que qualquer almofada pode virar um objeto de uso pra prática do parkour. É muito orgânico!

Hoje a gente brinca que se eu quiser ir no Teatro Flávio Império, que está há menos de 5 km daqui, e propor um ensaio da minha banda lá, vai levar pelo menos quatro meses pra eu conseguir uma agenda e o direito de uso. O dia que o técnico de som do teatro pode estar lá, pra fazer isso. Você jamais vai poder triscar numa mesa de som que tá dentro do Teatro Flávio

Império. Outro lema do Chapéu que a gente vai citar sempre... O Chapéu, ele sempre falou que “se quebrar um equipamento usando, é muito legítimo”. “Ah, quebrou, tava usando? Então é isso, vai quebrar. Você tava usando!” O pior é você deixar esse equipamento parado. Então, uma coisa que a gente aprendeu muito e hoje, se eu virei fotógrafo é porque esse lema do Chapéu me fez permitir pegar numa câmera boa. Tá ligado? Então, é muito mais orgânico e natural do que outros processos.

Eu falei pra vocês da doação. Ontem a gente recebeu uma doação de violão. Nesse acúmulo, a gente tem um volume de violão que a gente consegue aplicar uma aula de violão. E tem o Guina, que é um grande artista do bairro. O Guina sete, ele toca um violão sete cordas. Vai dar oficina de violão aqui. É... São encontros! Quando você tem um espaço democrático são encontros. A pessoa vem, se sente parte, ela consome, ela contempla o trabalho do outro, da outra, então, ela vem e assiste um rolê, cria parcerias e constrói junto esse novo fazer. Então, vai sempre se renovando. A Bia do tanque, a mina que sempre deu aula em academias fora do bairro, e ela dá de yoga, de tanque, de um monte de coisa de dança. Que ela se conectou com a ocupa ano passado, começou a dar aula de tanque que é um tipo de dança e tal e aula de yoga. Aí, junto com a Yasmim Ribeiro, elas montaram um coletivo e hoje existe um coletivo que norteia esses temas da dança, da mulher na periferia. As coisas vão acontecendo muito orgânica, muito solta.

Renata CPDOC – É... Quantas salas vocês têm aqui hoje? E você sabe dizer assim do quê?

Douglas MCEM – Calma, calma aí! Ajuda aí rapaziada! Vamos contar que a gente nunca contou. (risos) Studio Live; Salão de Eventos; Recepção...

Gustavo MCEM – Camarim conta?

Douglas MCEM – Camarim conta! Quatro com camarim! Aí, Sala de Música, a primeira. Cinegrafia, Espaço Criança. É...

Yasmim MCEM – Memorial!

Douglas MCEM – Memorial!

Yasmim MCEM – Brechó!

Gustavo MCEM – Brechó e Ensaio!

Douglas MCEM – Ensaio!

Yasmim MCEM – Aí Sala de Pintura

Gustavo MCEM – Sala de Artes

Douglas MCEM – Sala de Pintura. Sala de Reunião com Work

Gustavo MCEM – Oito?

Douglas MCEM – Não, perdi as contas! Três aqui embaixo...

Yasmim MCEM – Ah não, calma gente. São treze! Treze!

Gustavo MCEM – Treze! Treze! Treze!

Douglas MCEM – Aí no andar de cima: Sala Multiuso, Sala de Leitura e o Hostel.

Yasmim MCEM – São dezesseis!

Douglas MCEM – Dezesseis Salas!

Yasmim MCEM – E tem o espacinho de convivência ali da rede.

Douglas MCEM – Sim!

Yasmim MCEM – Dezessete!

Douglas MCEM – É, dezessete salas! Dezessete salas! Então vamos lá.

Yasmim MCEM – (Risos, risos geral) Por aí!

Douglas MCEM – Por aí! É... Então, hoje a ocupação tem dezessete salas, das mais variadas.

Tem um Studio Live pra esse tempo de pandemia, a gente teve que hackear a essa tecnologia, a se adaptar a ela e criamos um estúdio onde as pessoas podem vir gravar uma live com qualidade, com trocas de câmeras, sem risco de cair a Internet. A gente tem Internet Livre no prédio hoje que a gente paga. A gente que paga uma Internet boa e ela tem senha aberta pra todo mundo usar. A gente tem salas de instrumentos, espaço criança que é uma demanda que nasce do encontro de mulheres, que é um coletivo que nasce aqui pra pautar o acesso e o direito as mulheres de como desconstruir essa sociedade machista que somos no micro, sem pautar muitas coisas no macro para melhorias simples e o espaço criança acho que é um puta avanço pra isso. Tem uma sala de serigrafia que é de produção das nossas camisetas. Então, também a gente tem esse lance de vários coletivos vêm e produzem suas camisetas aqui, a gente ensina, dá oficina sobre essa técnica de serigrafia. Tem o coworking que é outro hackeamento, facilita muito o trabalho dos coletivos. A gente tem uma sala de reunião, uma qualidade pra você fazer uma reunião bacana. Um espaço pra você ter Internet, computador ali pra conseguir trabalhar. Tem uma sala de pintura, Ermelino tem muitos artistas visuais e que, por morar nas quebradas, são casas pequenas e que não dá pra pintar em casa, então, a gente tem uma sala que as pessoas podem vir e usar pra pintura. Tem uma sala multiuso onde rola vários ensaios. Tem sala de leitura. Fora isso, a gente tem uma biblioteca comunitária, que você não tem burocracia nenhuma. Você vem, pega o livro, nosso lema é que você pode pegar trocar, roubar, pode fazer o que você quiser com esses livros. Tem uma parte dessa biblioteca comunitária só de literatura

periférica e essa parte é uma parte com um pouco mais de carinho que os livros são só pra ser lidos aqui, são de artista que vem, são do bairro, já passaram na ocupa. Tem uma discoteca que a gente tem um acervo de disco também muito grande de doações de pessoas do bairro, que também foram doando. A gente ganhou, recebeu uma doação de vitrola. O senhorzinho trouxe a vitrola com discos. Então, é montado pelo bairro mesmo. Nasceram pelas necessidades do bairro.

Douglas MCEM – É loko esse processo quando você delega a responsabilidade pro outro, nunca, ao contrário, tem momentos que a gente tem que guardar livros porque não cabe na biblioteca comunitária. Porque quando eu falo que pode roubar a pessoa se sente ofendida com isso. Pensando na possibilidade que ela pode cometer um crime. E o quê que ela faz? “Ah, eu vou levar esse aqui! Mas eu tenho um monte lá em casa e eu vou trazer!” Tá ligado? Então, é óbvio que não dá pra romantizar, tá ligado? Já teve pessoas que veio aqui que a gente pensou “essa pessoa está pegando o livro pra vender”. E aí a gente... é... dá todo esse acesso, mas também a gente sabe cobrar! A gente não é um corpo distante. Nós é quebrada! Como toda boa família, a gente treta! A gente sabe pontuar. Tá ligado? Então, você equilibra as coisas. Mais no resumo, quando você delega essa responsabilidade, no brechó também é o mesmo lema. A gente tem um brechó comunitário e o lema é “pague quanto quiser e quanto puder”. Não tem um preço, tá ligado? O que vale... O preço que você consegue pagar num casaco não é um preço de outra pessoa pagar no mesmo casaco. Não é sobre o material, é sobre pessoas, tá ligado? Então, quando a gente faz isso, nunca faltou roupa no brechó. Inclusive equipamentos públicos e assistencial do bairro indicam a gente. Então quando chega uma pessoa nova lá “ô, cola lá na ocupação. Lá tem um brechó, dá pra pegar algumas coisas, tá ligado?” A gente leva... Às vezes a doação é muito grande e a gente leva pra esses equipamentos. A gente tem essa conexão com os CAPS da região. A gente tinha um encontro de CAPS aqui, que eles também se sentiram muito parte desse processo de conhecer a ocupa. E a gente conseguiu ter uma ligação muito grande com esses equipamentos. Com as escolas. Então, às vezes a gente faz o cine e a gente chama as escolas do bairro pra assistir o cine. Quando a gente faz exposição, tem uma exposição que me marcou muito que foi a do ANA, e a gente conseguiu chamar uma escola do bairro um CIEJA e eles vieram entender essas obras e as legendas dessas obras. Foi muito marcante pra mim. A parceria que a gente tem com esses CIEJA que é um carinho. A gente faz coisas que até a gente não acredita. Pela ligação que a gente criou com o bairro, vamos supor, os grafiteiros daqui já se emponderam e entendem que não é “ah, pinta minha casa porque eu acho bonitinho

e tal”. Então, a gente não vai na escola estadual onde o Estado faz questão de sucatear e a gente vai grafitar uma escola dessa de graça. Mas no CIEJA, o nosso ideológico entende “não, pro bairro é diferente”. A conexão que a gente tem com essa escola o Estado e o Município não tem nada a ver com isso. A gente criou uma ligação humana. A gente conhece a Josi que é a coordenadora da escola e ela traz os alunos. Os alunos é do bairro, então, cria uma ligação muito bacana. Na pandemia eles ganharam uma doação em volume de cestas básicas, mandaram algumas pra nós. Depois os alunos precisaram e a gente doou pra eles. Então, é uma troca que você começa a esquecer essas caixas políticas, sociais maiores. É... Acho que a ocupação a gente trampa no micro. A gente não vai mudar o mundo, mas o bairro de Ermelino hoje tem orgulho de ter um espaço cultural. É, a gente acabou de ganhar uma obra gigantesca de dez metros que ela estava na exposição na galeria Maluf, no Drive Thru de Artes que você pagava pra ir de carro ou pra ver aquela obra. E aí o artista fez esse trampo gigantesco de dez metros e quando acabou essa exposição ele falou: “esse trampo vai pra ocupação!” Aí a gente não colou e falamos “é muito grande”. Não vamos por dentro da ocupa, a gente colocou essa obra fora da ocupa. Então, aqui na lateral tem um painel de dez metros e algumas pessoas privilegiadas pagaram pra ver essa obra e aqui a gente deu acesso. Qualquer pessoa para no semáforo... É quase obrigar a pessoa a se conectar com a arte. Você para no semáforo é obrigado a olhar uma arte gigantesca de dez metros. Então, acho que isso é mudar no micro. É o que a ocupação faz: a gente muda a nossa realidade mesmo. A gente não vai mudar o mundo, o mundo vai continuar esse lixo que está sendo, mas a realidade de Ermelino, a minha realidade, foi mudada. E eu tenho uma dívida com a cultura por isso, tá ligado.

ENTREVISTADA:

YASMIM RISO

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Yasmim MCEM – Eu sou mais conhecida como Yasmim Ribeiro, mas gosto sempre de falar do Yasmim de Sousa Ribeiro que é o nome da minha mãe também. Comecei a adotar o Yasmim Risa de vez em quando, pra algumas abordagens artísticas. Mas eu sou mais conhecida como Yasmim Ribeiro. Tenho 25 anos. Sou nascida no Tatuapé, Hospital Tatuapé, mas vivi em São Paulo até os 3 anos de idade. Aí com 3 anos de idade eu mudei pra uma cidade chamada Araçariguama, no interior de São Paulo. Não fica longe daqui da capital, 49 (km) ali da Castelo, né. Quilômetro 49 ali da Castelo. E aí, nessa cidade, eu tive uma infância muito da hora, assim, de ter contato com a terra, de ser uma criança livre, de brincadeira. Eu tive privilégio e falo que foi mais uns de meus privilégios. De ter uma mãe semianalfabeta, mas uma mãe arte educadora. E sempre já teve esse lugar de começar a me inserir com tinta, com trança. Ela sempre teve esse viés artístico que era dela, né. E aí, com 7 anos de idade, lá nessa cidade eu tenho contato com a capoeira. E aí a capoeira começou a abrir espaço pra dança, aí eu entrei no balé lá da casa de cultura de Araçariguama, Casa de Cultura Cora Coralina. E esse é um dos primeiros pontos que me conecta com a Ocupação Cultural Mateus Santos, com Ermelino Matarazzo. Mas me conecta afetivamente. Porque na minha cidade, com 15 mil habitantes, único espaço cultural era a casa de cultura. Então, eu não tinha muitas opções de arte, de vivência ali. Tinha... Aí é um universo meio fechado mesmo. Aí assim como Ermelino Matarazzo, que agora tem a Ocupação Cultural Mateus Santos, único lugar era a biblioteca. E aí quando eu chego aqui, chego em São Paulo, em 2012, pra estudar dança na ETEC de Artes. Aí eu chego aqui muito perdida ainda, sem ter o ritmo desse corre de São Paulo mesmo. Sem saber de fato o que eu queria com a dança, eu ainda tinha um olhar muito erudito, né, que era como foi me apresentado. Ainda que eu tivesse uma vivência com a cultura popular que era a capoeira, a cabeça foi meio que mudada ali, meio que domesticada.

Aí eu tenho contato com a ETEC de Artes em 2012. 2013 com o Projeto Núcleo Luz, e dentro do Projeto Núcleo Luz eu conheço o Coletivo Batakerê, do qual eu faço parte até hoje. É... Então, em 2013, eu tenho essa... esse prazer de conhecer o Batakerê que tem ações dentro da Vila Santa Inês. E me acolheram com muito cuidado, né, e me ensinaram eu acho que tudo que eu comecei a entender de coletividade e de família, principalmente. Que a gente fala, que a gente se trata mesmo como uma família, que é o Batakerê.

Então, em 2000 e... hum... doze eu chego, em 2013 eu conheço o Batakerê. Só... Aí eu começo a minha atuação na Zona Leste em 2013. Ainda morando, eu morei em alguns lugares em São Paulo de favor, né, em família, essas coisas, mas me estabeleci na Zona Norte, como moradia. Só que eu viajava, desde 2013 eu ficava viajando pra vir pra Ermelino Matarazzo. Então, teve um momento... Eu também sou produtora cultural de formação é... de faculdade. Mas eu falo que a rua me ensinou muito mais do que a faculdade. Né, principalmente eu sinto que não consigo citar professores da faculdade, assim, que me ensinaram profundamente. Sabe? Que me atravessaram profundamente! Mas eu consegui listar os professores da rua que me potencializaram para onde eu tô hoje. E eles são os meus amigos. São Gil Douglas Barbosa, é o Sato Soares, o Alvicco que na época tava aqui, o Allan Victor que é um dos pioneiros desse movimento. Então, quando eu começo a me entender dentro da Zona Leste, o Pedro Peu, meu mestre, né. E todas as pessoas que estão dentro do coletivo Batakerê. Eles são os meus professores da rua e de produção cultural. Até no fazer e que eu posso dizer que não fazer também. Todos ensinam um pouco. E aí entendendo que com o Batakerê eu comecei a viajar, entender a dança como profissão, eu não sabia direito aonde pisar, como fazer, e o Batakerê me ensinou.

Em 2015, eu tenho o meu primeiro contato com a... final de 2015 pra 2016, tem meu primeiro contato com a ocupação. Que é... só que como público. Né, eu tinha um relacionamento da época que era do território, que inclusive é uma das pessoas com a qual eu estou aqui hoje também por essa pessoa, o Márcio Greyk. Uma figura importante da dança e da própria quebrada aqui da Vila Santa Inês. Tem um coletivo Zumb.Boys, então o coletivo Zumb.Boys foi o primeiro coletivo que eu trabalhei como assistente de produção. É uma referência também pra mim, né, os meninos do Zumbi Boys, o Márcio Greyk juntamente com o coletivo Batakerê. E aí ele me apresenta esse espaço. Eu vim a primeira vez no Ocupa Som e fiquei exatamente no canto dessa parede. Achei muito da hora da gente gravar aqui porque eu assisti o primeiro Ocupa Som dessa parede. Eu estava encostada aqui. E aí... Aí, eu sou muito chorona, né gente? Afê Maria. Aí eu lembro como eu ainda era pouco autora da minha própria história. Foi muito loko que meu primeiro contato com a ocupação já foi muito potente, né. Eu cheguei do interior e nunca tinha visto nada, nunca tinha... não entendia... não me entendia num lugar de protagonismo. Nunca me entendi. Hoje eu me entendo. Aí quando eu chego aqui na ocupação eu olho pra esse espaço todo underground, né, um monte de quadro, salão, você só vê nos filmes. Lá no interior a gente não tem nada parecido com isso.

Aí depois e eu me conecto também com o Sarau Ocupa na Praça Benedito Ramos. Então, em 2016 eu participei de um Sarau do Ermelino Ocupa e eu lembro de eu chegando na praça, junto com esse meu companheiro, né, Marcio Greyk, meu ex-companheiro, e aí a gente “onde que fica o sarau?” Aí eu me deparei com todas essas pessoas nesse sarau, né. Aí em 2017, é isso né, eu fui lá em 2017... Eu acho que eu cheguei tão... eu não consigo... eu acho que os meninos falam muito mais de quando eu me firmei aqui do que eu mesma consegui me emponderar desse lugar. Porque eu cheguei muito no sapato, pisando fofo assim no... não querendo protagonizar uma coisa que não era minha, né, porque, a princípio eu não sou do território. Então, eu sempre tive essa preocupação: de não querer atravessar um processo. Aí e 2017 eu começo a atuar mais forte na Ocupação Cultural Mateus Santos, naquele período onde a gente estava sem água. Então, eu meio que começo a carregar os galões nas costas meio sem saber o porquê, por quê que eu tava fazendo aquilo pra manter esse espaço. E eu já tinha uma identificação e fui abraçada de uma maneira muito especial. Então, eu só sabia que eu queria estar aqui. E aí aos poucos eu fui me conectando mais, mergulhando mais, entendendo mais. Então, essas pessoas que estão aqui hoje e que vocês vão ver nesse documentário a seguir são pessoas e figuras responsáveis pelo meu processo de autoconhecimento e de autodesconstrução. De reconhecimento dos meus próprios privilégios. De... Enfim, eu já estou falando até a importância pra minha vida, assim. Porque, de fato, esse espaço ele tem um lance... eu vejo que as mulheres também vêm pra esse espaço e elas voam muito alto. E aí se relacionar com mulheres que voam é sempre complicado. Aí quando eu chego e começo a me emponderar desse espaço, a estar junto com essas pessoas eu começo a produzir arte, a produzir cultura de uma maneira mais coesa, né. Então, atualmente, eu me distanciei um pouquinho da dança e comecei a mergulhar na produção cultural. Né, eu ainda sou artista do corpo. É... construí dentro desse espaço a Labuta das Xanas, que é um coletivo que nasceu também dessa movimentação do grupo de mulheres daqui da Ocupação Cultural Mateus Santos, que já existia quando eu cheguei. E aí o Labuta das Xanas ele é um coletivo que nasce no espaço, na Ocupação Cultural Ermelino Matarazzo, e ele tem o intuito de emponderar as mulheres por meio da arte, principalmente pela linguagem da dança. E eu aprendi muito com esse coletivo, inclusive a gente conquistou um primeiro edital agora e gente tem vários planos de atuação dentro da ocupação cultural.

Aí recentemente, a gente tem é... pandemia, tem isso também. Que já foi uma outra chuva de aprendizados, né. Eu acho que a ocupação, ela ganhou um novo olhar. Eu acho que todo mundo que tá passando por esse momento tá se entendendo de uma maneira diferente no mundo e não foi diferente com a ocupação cultural. A gente tinha várias questões com o assistencialismo, né. De fazer trampos que soassem como assistência. E aí a gente começa a perceber a necessidade do entorno pra além da cultura. Né, então no dia 20 de março a gente decide fechar as portas da ocupação por tempo indeterminado. No dia 16 de março a gente tem uma postagem é... meio que esperançosa, né, mas sem saber muito pra que caminho iria. É... no dia 16 a gente achou que só ia ficar fechado só até o dia 21, aí um pouco, um pouco vivendo esse lugar de portas fechadas, fazendo... é limpando o espaço, porque é isso. A gente pra além de produtores somos pessoas que mantemos a estrutura física da ocupação. Então, as salas que vocês podem conhecer aqui no espaço elas foram salas que... os entulhos, nós tiramos, né. Tipo a fiação foi toda feita pelo Uilian Chapéu. E aí com outros braços que também foram apoio. É... Então, nesse período que a gente fechou, a gente falou “ah, a gente não sabe como vai ser essa pandemia, então vamos começar a reformar coisas que a gente precisa reformar”. E aí essa primeira semana foi esse... é nessa pegada assim de repaginação do espaço. E aí a gente começa a perceber o movimento do bairro que são as necessidades físicas mesmo. Comer, é... se vestir, se cuidar. A gente começou a ter essa preocupação de como é que vai ser é... como que serão essas pessoas periféricas dentro desse... dessa longa barriga que seria, né. Quando a gente entendeu que não ia ser um período curto. E aí como a gente é um espaço que já conquistou uma confiança e consolidação de muitas pessoas, acabou vindo várias doações para o espaço, né. Então, ah, é... começou com cem cestas básicas... começou com cinquenta, depois com cem. A gente já descarregou caminhões de cento e cinquenta e hoje a gente já entregou mais de setecentas cestas básicas no bairro. E a gente começou a entender o outro viés que não é o do assistencialismo, é do emergencialismo. Começamos a se agarrar nesse lugar e, pra além da entrega de cestas básicas, a gente entendia que não dava só pra esquecer todo o nosso corre cultural.

Então, além das cestas a gente tinha o kit afeto que era com bijuterias. Vinha um zine que foi feito pela Priscila Akiana. É, a gente tinha um zine também, dois zines feitos um para as mulheres, né, que viviam situações direta com seus opressores que estavam em casa. Então a gente tinha esse zine de instrução da li, como que você... pra onde ligar, pra onde correr, que também foi feito pela Tita, uma... a Cintia, uma psicóloga que também se conectou com a gente que é do Itaim (Paulista). E tinha um outro zine nesse kit afeto que falava do abuso de menores

que também estava com seus abusadores, hoje, né, dentro dessa pandemia. Aí dentro desse kit a gente também colocou bijuteria, porque tá dentro de casa, mas dá um close, fica bonita, também é bom, autoestima. É... pra além disso a gente conseguiu alguns chocolates. Então, às vezes tinha um chocolate. Tinha um kit com absorvente, mais voltado para as mulheres. E aí dentro desses lugares de ação, a gente também teve a prateleira de quadrinhos que foram pessoas que nos apoiaram tanto com as doações dos HQ's, quanto estando aqui na porta da ocupa, como o Douguinha falou, de abordar as crianças, de ensinar passar um álcool, trocar uma ideia. E aí a gente, a nossa organização ela começou a se dar tipo a gente não sabia muito bem como entregar essas cestas básicas, né, tipo, por onde começar? E sendo uma rede cultural a gente entendeu que os artistas seriam os primeiros, os artistas independentes seriam os primeiros a serem atingidos. Né, sem, sem espetáculos, sem lugares culturais abertos. A gente começou a distribuição de cestas básicas para artistas da nossa rede. Aí a partir dos artistas da nossa rede, os braços, aí, a gente começou a perder o controle assim de tanto, de quantidade de pessoas que necessitavam desse apoio.

Então, primeiro a gente pensou em atender a Zona Leste. Então, a gente atendeu pessoas do Itaim, do Camargo Velho, Camargo Novo. É... Pessoas distantes mesmo que vinham só pra pegar as cestas. Depois a gente percebeu que estava deixando escapar pessoas do bairro. E aí a gente centralizou só pra Ermelino Matarazzo. A gente abria uma lista de espera aqui na porta. Essa lista de espera, no começo, ficou eu e o Gil Douglas. As outras pessoas tiveram outros tipos de questões, se afastaram. E aí uma coisa que me marca muito que já foi uma das... é... dos motivos pelos quais eu, pelo qual eu estive aqui durante a pandemia, não deixar o Doug (risos). Foi meio que assim, de olhar pra ele e falar “caraio!” Ele me falou uma história que me marcou muito. E aí eu acho que é muito da hora a gente falar tipo a gente tem mestres como o Pepeu, a gente tem mestres como o Soró, mas o Doug ele está se tornando esse mestre da oralidade. E aí ele passa e ensina, né. E aí quando a gente... Ele me falou de uma história, de não... De quando ele trampava como operário mesmo e ele falou de um mano que desistiu de carregar o saco de cimento. E ele desistiu de um dia carregar e ele não tinha outra opção. Eu sempre tive pra onde correr. Eu tenho hoje, se eu quiser largar tudo isso eu tenho pra onde ir. Mas, é... Eu aceitei quando eu comecei a entrar na ocupação, comecei a entender o desafio de, de fato ser uma pessoa branca e tenta a torto e a direita e até com o vento dos meus erros e dos meus, enfim, minha falta de tato, é... estar na sociedade não racista e lutar pra ser uma pessoa antirracista, né. Passar isso para as minhas sobrinhas, para minha família. E aí eu entendi que

esse, o lance da pandemia foi um ponto alto, foi um ponto alto pra eu me desafiar enquanto pessoa privilegiada mesmo. De ter a escolha de pela primeira vez não correr. E aí isso pra mim foi um ponto alto de falar “não, parça!” Se eu virasse e falasse “ah, vou ficar na minha casa, vou ficar com a minha família”, falasse isso pro Doug eu não ia estar falando só pro Doug, eu ia tá falando pra todo um contexto, um sistema. Né, que é o sistema que a gente conhece.

E aí nesse momento de escolha, eu e o Doug, eu lembro de uma situação, quando você falou de situações, eu lembro exatamente da situação, que eu cheguei assim e a gente tinha aberto lista de espera, pra cesta básica, e quando eu cheguei o Doug tava com a porta aberta e aí tinha uma fila daqui, da nossa porta, até as Casas Bahia. Quem conhece aqui sabe que somos vizinhos das Casas Bahia e tinha uma curva de fila de pessoas. Eu acho que essa é a imagem que mais me marcou em toda a ocupação. Pra além dos corres culturais, mas me marcou enquanto ser humano mesmo. Aí eu olhei pro Doug e falei até um palavrão “caramba, quê que é isso?” Aí ele falou “é isso!” Aí eu entrei e já comecei a abrir a porta e falei “mano, nossa”. Aí começou a passar pela cabeça “como é que a gente vai ajudar todas essas pessoas?” E eu não conseguia pensar muito tipo “ah, meu, minha família está estabilizada”. É isso, que bom! Eu estou estabilizada, fiz meu pé de meia e consegui me economizar. Da hora! Então, tipo, eu começo esse contato mais forte com o território quando eu mudo pra cá. Né, depois de ficar viajando, indo e voltando, faz mais de um ano que agora eu moro no território. E aí foi a primeira vez que eu senti. Nossa, eu tenho um espaço, eu tenho um lugar. Eu tenho um lugar e é um lugar de afeto pra além de morada, né, além de moradia. Aí nessa situação da cesta básica, assim, foi o ápice de achar... não vou mentir, a gente chegou num lugar de cansaço mesmo, quando estava só nós dois aqui era um lugar de “mano: dá vontade de correr ou dá vontade de se esconder”. De falar “véio, não vai dar conta, é muita gente!” O celular da ocupação tinha mais de cem pessoas falando, então eu era a pessoa que fazia a burocracia da cesta básica, né. Que era entrar em contato, agendar horário. A gente sempre tinha, sempre teve cuidado nas entregas de agendar de vinte e vinte minutos. Nós tivemos o cuidado de fazer cadastro de todas essas famílias. Então, depois a gente teve outros braços, que depois de um tempo de pandemia a gente sim teve outros braços, a galera chegou junto. É, Banda Chá da Tarde, né, que também é um coletivo aqui da quebrada, do Keralux, do Jardim Keralux, mas são super é dentro da ocupação. Na própria Bia Dabroche, que é a Bia que dá aula de turtle. Então, outras pessoas foram chegando e somando nessa luta depois que a gente puxou o caminhão, assim. Foi um baguio que... E aí eu fazia esse trampo e esse cuidado de agendar horário. Eu falava com mais de 50

peessoas por dia. Aí pessoas que me começaram... A gente até brinca eu e o Doug que meu celular não é mais meu. O celular do Doug e nem a carteira do Doug é dele. Entendeu? (Risos) A gente vai lá e tem número do cartão, tem... Então, a gente meio que... Principalmente depois dessa... Desse lance de cesta básica, eu comecei a desapegar do meu número pessoal, o WhatsApp virou outra fita. Eu também tive a oportunidade de tramar dentro da Santa Inês com entrega de cesta básica com o Batakerê. Então, eu ainda fiz essa... loucura de estar em dois lugares de entrega.

E a gente aprendeu muito, então, todo... A gente costuma dizer que todo o nosso respeito assim pra galera que cuida do assistencial porque a gente não tem de fato dimensão da importância e do desafio que é. Porque eu sou essa pessoa sensível mesmo, essa pessoa que me atravessa, as questões elas me atravessam eu fico meio... até dou a minha energia, né. Então, mais de uma vez, eu acho que quando estava só eu e o Doug era meio inevitável a gente segurar o choro. Mas aí quando tinha mais de uma pessoa, alguém... uma mulher me contava um histórico de agressão ou de sofrimento eu ia chorar lá atrás. Falava “vamos trocar aí porque, de fato, é muito além do que a gente imagina”. E hoje, a gente conseguiu um respeito no bairro totalmente diferente. Então, é... foi pra além, né. Os nossos olhos, a nossa ideia de entrega de cesta, né, foi muito além. Então, acho que foi um marco e tem sido, né. A gente tem atravessado esse marco, essas questões não acabaram, a covid não acabou. É... A gente deu uma pausa na entrega de cesta básica, uma pausa grande até, porque outras necessidades vieram que é a necessidade da própria existência. Então, fazer os nossos corres culturais que é o que de fato pulsa e que é a nossa primeira questão. Mas que hoje a gente não deixa de cogitar, a gente não deixa de discutir é... o aprendizado que foi. É entregar mais de setecentas cestas básicas e vai chegar mais um pouquinho que eu fiquei sabendo aqui, vai chegar cesta básica em breve. A gente não descarta mais, tá ligado?

Renata CPDOC – Yasmin: é... nesse processo o grupo, o movimento, vocês se articularam com outros coletivos, com outros movimentos? Por exemplo, luta por hospital, é, enfim, chegaram a fazer outras denúncias? De quem que vocês receberam esses apoios de cestas? Enfim são associações?

Yasmim MCEM – Sim, a gente tem a... a gente teve algumas entregas, aí não sei se é legal falar até pra corrigir, porque aqui é uma gestão horizontal e a gente tem um lance de citar se o coletivo acha conveniente citar. Então, a cesta básica a gente teve um apoio muito grande da

Sheila Marcolino, que é uma assistente social, também que é uma militante apoiadora direta do espaço. Que ela ajuda a gente até nessas questões de entendimento, né, de entrega, de tudo mais. Aí, mais alguém que vocês acham legal citar?

Douglas MCEM – Acho legal falar que a gente pautou a reabertura do Hospital Menino Jesus.

Yasmim MCEM – Isso! Aí eu ia falar até isso, o Doug esteve mais direto com a frente, até com a Frente Democrática Ermelino Matarazzo, que foi um dos coletivos que pautaram a reabertura do Hospital Menino Jesus, né, que é uma maternidade, né Doug?

Douglas MCEM – Isso!

Yasmim MCEM – Aqui em Ermelino e que tá fechada ainda! Então, visto a emergência de voltar esse cuidado pra comunidade a gente não teve um hospital de campanha aqui próximo, então tinha que ter muitas corridas pra as pessoas serem atendidas. Então, foi uma das lutas que o Doug fez parte mais diretamente com ação de colocar cartazes na frente do hospital, ações diretas. E a...

Douglas MCEM – E a gente teve a venda de livros e camisetas em conjunto com a cesta básica.

Yasmim MCEM – Nossa, total! A gente teve apoio também da JAe Alves que é também uma grafiteira, ela é de Itaquá, mas ela também... teve vários movimentos de artistas que fizeram essas é... movimentações autônomas, né, sozinhas, independentes. E aí passavam pra gente também pra gente repassar então a JAe Alves, né, foi uma mina grafiteira que é bem potente que ajudou a gente aí nessa entrega de algumas cestas básicas. A gente teve a própria venda nossas das camisetas, livros, então a pandemia também fez uma movimentação com a gente, tipo, de independência também. A gente já vendia camiseta, já vendia livros, mais aí começou a ter uma nova logística, tipo de emergência mesmo. Então, na pandemia a gente teve a nossa cerveja, que a gente não tinha com rótulo tudo bonitinho. Foi um boom e que ajudou... quem comprou nossa cerveja ajudou a doar muita cesta básica. É, pra além disso a gente teve também um ato heroico que foi uma ação do Prateleira de Quadrinhos, que eles dividiram 50 cestas básicas pra gente e 50 cestas básicas pra outro rolê, pra outro pico, e também foi um dos coletivos que, né, que ajudou a gente nesse corre. Vocês lembram mais alguém?

Douglas MCEM – Ação Educativa!

Yasmim MCEM – Ação Educativa!

Gustavo MCEM – Casa O Verbo

Yasmim MCEM – Casa O Verbo, Ação Educativa, Casa O Verbo. É...

Douglas MCEM – CAPS AD [CAPS Álcool e Drogas]

Yasmim MCEM – CAPS AD de Ermelino Matarazzo! CAPS AD também. A gente sempre gostava de pegar as doações às vezes abrir e fazer mais de uma cesta. Teve doação que a gente recebeu 100 cestas e viraram 200 cestas, porque a gente ia lá arrumando uma logística de chegar com uma merra já, arrumava ali uma cesta mais enxuta, mas... e...

Douglas MCEM – Instituto Alana doou três toneladas de alimentos!

Yasmim MCEM – Nossa, o Instituto Alana doou três toneladas de alimentos. E aí eu falo assim porque, cara, eu lembro que esse salão aqui era o salão das nossas distribuições. De deixar as nossas cestas básicas, vocês que foram lá no outro salão, de deixar as cestas básicas aqui, então tinha um... as vezes chegava a cesta a gente só ia colocando e aí ficava aquele caos, aí o Douguinha porque é um cara inquieto, é um cara que nem gosta de dormir, ele ia e organizava tudo e no outro dia estava tudo assim tipo pilhas, né, paredes de cestas básicas. Então de fato esse salão ele foi um salão... é um salão que abriga as nossas principais ações culturais e foi um salão que abrigou muita cesta básica e que por aqui passaram muitas famílias, não só nesse e no outro, muitas famílias e muitas histórias também pra além da cultura.

ENTREVISTADA:

GLAUCY ALEXANDRE

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Renata CPDOC – Seu nome, como você é conhecida, como você é carinhosamente apelidada, como é que é tua relação com esse espaço? Se tu nasce aqui? É... E essa chegada, né, como é que você aqui? O quê você percebe? Como você é acolhida? Conta um pouco desse processo pra gente!

Glaucy MCEM – Meu nome é Glaucy Alexandre, eu tenho 18 anos, sou uma das mais novas do movimento. É... Conheci a ocupa se não me engano no primeiro ano de ocupação, eu fui pra um sarau, com uma das referências da minha quebrada na Vila Santa Inês, Vila Cisper até aqui. É... Vim com um das referências da minha quebrada. E aí conheci, entrei no espaço e tal e esse foi o primeiro sarau que eu recitei. E, enfim, já me senti parte, já senti que o espaço era extremamente necessário. É... Nessa época eu já fazia um cursinho de literatura que acontecia

aqui no bairro também, mas acontecia numa escola. Depois de um tempo esse curso transferiu as atividades para cá, pra ocupação. E aí eu comecei a me interessar mais pelo espaço, né. Interessar mais pelos eventos que aconteciam, acontecia o slam, acontecia muito sarau, acontecia o Cinepipoca também, aconteciam várias coisas aqui e eu sempre... enfim, eu sempre fui muito conectada desde nova, porque o meu irmão, ele é diretor de audiovisual, né. Aí desde criança eu sou... enfim, eu tenho um pouco de contato com o audiovisual e com a cultura, né, automaticamente. E, enfim...

Então eu fui chamada para o Sarau Ermelino Ocupa, lembro que foi o primeiro sarau que eu fui chamada. Foi no Sarau Ermelino Ocupa... E antes de ser chamada eu já tava um pouco aqui enquanto...

Glaucy MCEM – quando eu vim pra cá, eu consegui entender o fazer artístico, né, ser artista pra além dessa romantização, né, de ser poeta, de ser música, de ser escritora e coisa e tal. E comecei a entender o fazer artístico a partir de varrer o chão, retirar o lixo, é... Enfim, lidar com pessoas. Ter sensibilidade pra entender meu espaço no mundo. A ocupa ela também foi muito importante pra mim entender o meu lugar de fala, porque é isso... O Douguinha foi uma das pessoas que me aproximou... O Douguinha e o Alvico. É... Douguinha e o Alvico foram duas pessoas extremamente importantes pra mim me conectar com a ocupação. É... Me lembro de uma situação, eu já tava um tempo na ocupa frequentemente todos os dias, enfim, produzindo coisas que eu nem sabia que era produção, fazendo coisas que eu nem sabia que eu fazia, aí eles reconheceram e isso foi pra mim... Pra mim não, mas eu acho que a ocupa tem essa sensibilidade, as pessoas que trabalham na ocupa tem muito essa sensibilidade de entender antes que você entenda, sabe? O Douguinha chama isso de divisão brole, você pega tudo o que está acontecendo de cima... O Douguinha tem muito isso, o Alvico também. É... E eu lembro de uma situação que eles vieram me dar uma grana, né. Tipo eles me chamaram pra uma salinha. Aí eu falei “cara, devo ter feito alguma coisa errada”. E eles me deram uma grana e eu tipo não quis aceitar porque eu não entendia isso enquanto fazer artístico. O único parâmetro que eu tinha era poesia e outro parâmetro que eu tinha era trabalho braçal, telemarketing, empregada, enfim. Sou de uma família de empregadas domésticas. É, meu pai também... Hum... Eu só entendia trabalho enquanto esse artista fodástico tipo Emicida, Rappa, e esse outro espaço tipo peão. Ou você é um ou você é outro. Não tem esse lugar de fazer cultura dentro da periferia. E aí quando eles me ofereceram essa grana tipo “nossa, nada a ver as ideia”. É, quase não aceitei, mas eles me explicaram a importância de aceitar esse dinheiro, a importância de me entender

enquanto, enquanto fazedora de cultura. Uma artista, um poeta, é... E ainda é um processo até hoje pra mim entender enquanto seja uma fazedora de cultura ou uma artista. Ainda é muito difícil, são muitas barreiras colocadas mesmo quando você vem da periferia, né.

Glaucy MCEM – É... De 2018 pra 2019, é... Eu fiquei bastante aqui, então eu comecei a fazer parte do Slam Fluxo, e aí, enfim, como parte e enquanto organizadora do Slam fluxo, já tinha batalhado no Slam Fluxo, enfim, nos saraus que tinham aqui. Fiz parte de vários eventos. É... E aí, só pra... E aí vem o ZL 100 Registro, né? Que é esse livro aqui. Que eu sou uma das registradas desse livro. Então, acho que foi muito importante pra mim esse livro. Nossa, muito importante mesmo. Mas eu fico muito feliz de estar nesse livro, muito feliz desse projeto existir, porque, assim, eu sou uma das mais novas neste livro aqui. E não só uma das mais novas, né, tipo ele é extremamente importante pra fazer a gente entender que alguns amigos, alguns muitos amigos meus neste livro, e ele é extremamente importante porque não só eu mais vários desses meus amigos não se entendiam como produtores culturais, enquanto artistas. Então, o ZL 100 Registro é um projeto absurdamente... Tipo mano, é gigante esse projeto aqui, sabe? Até pra entender... Pra gente se entender pra além é do que... E a gente vê, tem um monte de gente que trabalha registrado, enfim, e produz coisa fora e não sente que isso de fato é uma produção cultural, aí o ZL 100 Registro mostra que sim, que você é um produtor cultural, parabéns! E não só isso, aqui tem histórias, aqui tem narrativas, né, narrativas de uma ZL 100 Registro. Aqui tem tipo mano, muita coisa de gente que já faleceu, infelizmente. É... Daniel Marques está nesse livro, eu não cheguei a conhecer Daniel Marques, mas eu sei que ele foi extremamente importante por causa desse livro. Eu sei que ele foi muito importante por causa da narrativa dele que não morreu, principalmente, porque a Zona Leste, porque a Ocupação Cultural Mateus Santos tem esse cuidado que, sinceramente, não tem nem como descrever. Tem esse cuidado foda de não apagar a história de ninguém, sabe? Inclusive de valorizar de mais a história de todo mundo que passou aqui, independente de quem essa pessoa foi, independente de quem essa pessoa é. Então, esse livro ele é muito importante!

Renata CPDOC – Como é que vocês fizeram é... a seleção as pessoas que entraram nesse livro?

Glaucy MCEM – Então, esse livro aqui eu não fiz parte da organização dele. Foram determinadas pessoas selecionadas pra é, pra ter um relato nele, fazer uma biografia pra ele. Quem organiza ele é o Douguinha. O Douguinha além de fazer tudo ele faz um pouco mais. É, o Douguinha, a Karine Guerra, Felipe Bit, na época a Rabin também organizava, e agora estão

Gustavo Soares e a Yasmim Ribeiro. E o Slam Fluxo tem esse daqui que a gente lançou o ano passado, né Doug? Esse daqui eu sou organizadora, e tal. Xodozinho, muito lindo! Foi diagramado pela Yasmim e a arte foi feita pela Karine Guerra. Aí é isso!

Renata CPDOC – Tá! É... o Slam Fluxo tem poesia sua aí também?

Glaucy MCEM – Tem poesia minha! É... Tem três coisas minhas, tem “Work”, “Guestalpi”

Glaucy MCEM – É, o Slam Fluxo tem poesias minha, tem poesias do Doug, poesias da Yasmim, também fala da primeira geração dele que foi com o Edí, com a Mariana Felix e tal. Tem que contar a história do coletivo todo. Também tem poesia do Pecar, que é um dos poetas atuantes aqui no Slam Fluxo, um dos organizadores também do Slam Fluxo. E é isso!

Renata CPDOC – Vocês têm o ZL, o Slam Fluxo tem esse outro Movimento Cultural Ermelino. Você poderia falar um pouco dele? E se você pudesse falar assim como é que você percebe o registro da história de vocês?

Glaucy MCEM – Tá! Esse é um dos nossos lançamentos mais recentes que é “Defendendo o óbvio”, que fala da história desde o Mateus Santos até a ocupação atualmente.

Glaucy MCEM – Eu fiz parte do... um pouco, minimamente do... da escrita do livro, mas bem pouco mesmo. Mais quem fez a história de fato, quem fez parte da história de fato foi o Doug, a Yas (Yasmim), Gustavo, o Uilian Chapéu, o Alvíco, é, enfim, várias outras pessoas, várias outras gerações. Então, esse livro como todos os outros, como o ZL 100 Registro, como o Slam Fluxo, ele também... é... o fincar de uma narrativa, o fincar de uma história. A lembrança que vai ter, não só a lembrança, mas é todo ideológico, tá ligado? Tipo ele ainda vibra, ele ainda está vivo, mas o bagueio toda vez que ele fala, toda vez que ele... se sente confuso, toda vez que ele sente que a gente está caminhando pra outro lugar ele vem ler o livro de novo. Entendeu? Enfim, o livro é baseado em tudo que é ideológico que tem a ocupa. Todos os lemas que ele falou, né. É, basicamente é isso sobre o livro!

Renata CPDOC – Conta pra mim um pouco desse quadro que você falou tão importante dele? De quem é esse quadro?

Glaucy MCEM – Beleza! Esse quadro aqui é do Alvíco [Albuquerque]! É... Ele foi feito num evento que a gente tava produzindo um dia. Eu não vou lembrar o nome. Você lembra Douguinha o nome?

Douglas MCEM – Do quê?

Glaucy MCEM – Do evento que a gente tava?

Douglas MCEM – Tava fazendo um sarau pelo estéticas da periferia.

Glaucy MCEM – No estéticas da periferia ele tava fazendo... Você lembra a técnica? Qual o nome?

Douglas MCEM – Pirografite!

Glaucy MCEM – Pirografite! E... Eu lembro que nessa época que foi feito o quadro a gente tava já com a faixa, né, estendida, que era uma faixa que a gente tinha colocado na frente do prédio e tinha uma frase que era “Quem mandou o vizinho do presidente matar a Marielle?” Enfim, foi extremamente importante, foi um marco assim nessa... toda essa situação que aconteceu esse quadro e a faixa, foi muito importante a gente fez alguns pequenos atos e tiveram os grandes atos aqui na ocupa, aqui na frente, na avenida e tal. E basicamente é isso. O Allan é uma pessoa muito importante, como eu disse, ele me fez reconhecer como artista, me fez me reconhecer como produtora. Não só isso, ele é um professor de Sociologia, então a gente conversava muito sobre várias coisas. Então, ele foi importante até pra mim entender o ideológico da ocupa, sabe? Até hoje, o Allan... o Allan, o Douguinha, a Yasmin são pessoas extremamente importantes pra eu entender esse ideológico e dar continuidade a isso. E uma forma (risos) não meramente contemplativa.

Renata CPDOC – Você sendo cria se sente... sendo cria desse espaço, tem 18 anos falou que muito nova veio pra cá... Como é que você vê a importância desse espaço aqui na comunidade?

Glaucy MCEM – Mano...

Renata CPDOC – O quê ele mudou na sua vida assim? Como se vê como artista...

Glaucy MCEM – Sim, sim! Mano, a ocupa mudou tudo minha vida, né. A minha rotina, a ocupa mudou a minha forma de ver o mundo, a minha forma de ver a cultura. É... É muito importante assim o trampo da ocupa. Eu não consigo definir em palavras, porque eu sou muito ruim em palavras, né. Eu sou muito ruim em palavras. É, mais no campo da ocupa enquanto impacto, mano, eu lembro do dia do lançamento do ZL 100 Registro, no dia da exposição que meus pais vieram e o quanto importante aquilo foi importante pra mim e para os meus pais, sabe? Pra minha família, a gente chorou e tal, foi muito significativo. Porque a cultura ela é vista como se não fosse nada, como se não tivesse um trampo de fato. E o ZL 100 Registro tipo mostra o que tem e eu mostrei para os meus pais, tem uma extrema importância nesse campo, um extremo impacto tanto na minha vida quanto na vida deles, quanto na vida de quem é... está em volta, né, da ocupa e em torno desses outros coletivos. E a ocupa também foi extremamente importante pra mim, é porque depois da... depois não, mas durante esse processo de se reconhecer dentro da ocupa, fazer parte do Movimento Cultural de Ermelino Matarazzo é... eu também faço parte de outros. Então, esses coletivos foram se criando, né, o Sarau da Criva, é

um coletivo que eu tenho na quebrada, na Vila Santa Inês. É... E a gente organiza um sarau mensal. Antes da pandemia a gente organizava um sarau mensal que, mano, muito, muito, muito falta e o Coletivo Ralé também é um dos coletivos que eu faço parte. Um dos coletivos que foi resultado desse processo... desse contato que eu tive dentro da ocupação, mas também foi resultado do contato que eu tive com o Instituto Criar de cinema. Então, o Coletivo Ralé é resultado disso. A ocupa me levou até o Criar e o Criar foi extremamente importante, né. Mais o Criar me fez ver a narrativa que a gente tem na ZL ela vai... e a narrativa que a gente tem aqui na ZL pra uma outra parte do mundo, daqui um tempo ela só vai ser vista por conta do audiovisual, sabe? Os livros eles são extremamente importantes, mas daqui a um tempo vai pegar mais é o audiovisual, pra mim, enquanto narrativa. Eu venho dessa geração mais é... tecnológica, que sabe criar um álbum, mas essa geração que tem menos quarenta assim (risos)

Glaucy MCEM – Mais... Essa relação que vem um pouco mais ligada com o audiovisual, ligada com a tecnologia, é, falando desse olhar, eu sinto que daqui a um tempo a gente vai ter narrativas extremamente importantes enquanto audiovisual, principalmente, porque a quebrada está tendo acesso a isso. Então, foi muito importante eu ter acesso ao cinema e entender que a narrativa ela vai ser baseada nisso com o tempo e parará, pra fazer um filme sobre a ocupa. A gente tem é um curta-metragem sobre a ocupação. É, nos tempo de pandemia, foi o festival tal que a gente se inscreveu e passamos. É... E a ocupa, enfim, e esse curta-metragem mostra a ocupa nesse tempo de pandemia e no livro também dá pra ver que a ocupa se regenera de várias formas, vários tempos em tudo o que tá acontecendo, tá ligado? Quando a gente foi ameaçado... Quando um dos fazedores foi ameaçado, coordenador de cultura foi ameaçado pela secretaria a gente se refez. Quando o prédio estava fechado e a gente precisou tirar dinheiro, a gente se refez. E o tempo inteiro é... as salas, o tempo inteiro, em novos tempos, o tempo inteiro se regenera enquanto narrativa também. A gente não tem... A nossa narrativa é que a cultura é pra todos. Não cabe não o que é... A música, a poesia, é tudo! Tudo que tem cultural... A educação é pra todos! Aí é importante... Eu acredito... Mais no decorrer da história, a história você entende que é mais narrada, muito mais... É... Dado, enquanto discurso, enquanto ação, é que precisa ser pra todos! Tá ligado? É preciso que todo mundo entenda que tem direito a isso. Então, esse documentário que a gente produziu é... Eu, o Doug e a Yas, esse documentário que a gente produziu fala um pouco da ocupa no tempo de pandemia que a gente ficou fechado durante um tempo, a gente achou que ia abrir e tal, mas a gente ficou fechado durante um tempo, mostra todo esse processo que o documentário se chama “Em pausa”, do movimento, está disponível

no YouTube pra quem quiser assistir. É... E é isso, a ocupa dá também esse poder de nós aqui, esse lugar de fala, porque é isso, eu comecei a fazer o curso ano passado, que era pra eu terminar esse ano, só que aí veio a pandemia e aí interrompeu isso. E aí dá mor... Joga maior balde de água fria pra quem, enfim, é artista, pra quem tá buscando esse curso. É... e a ocupa foi extremamente importante não só pra mim, mas acho que pra todos os artistas, assim. A gente começou a fazer programações, sabe? Teve o obras poéticas, a gente começou a fazer lives. Tem “Obras poéticas”, tinha... tem o “Ideia quente”, ter cultura pra manter o povo vivo. Vários dos meus amigos e eu também sentimos o impacto de ser conhecido nessa pandemia, sabe? Que a gente não foi esquecido! Foi importante, foi a ocupa fazer essa megaprodução porque as lives estão cada vez mais incríveis. Tenho muito orgulho de fazer parte desse processo, né, enfim, de fazer as lives e tal. É... Foi um impacto muito foda assim enquanto artistas pra todos os meus amigos que são artistas, pra todos os meus amigos que trabalham com cultura e audiovisual. Obrigado!